

FAO

ano III . # 13



RAFAEL DAMBROS

GUSTAVO MARCASSE

FEFO REYES

WILHELM VON GLOEDEN

A história da cueca

(d)Eficiência

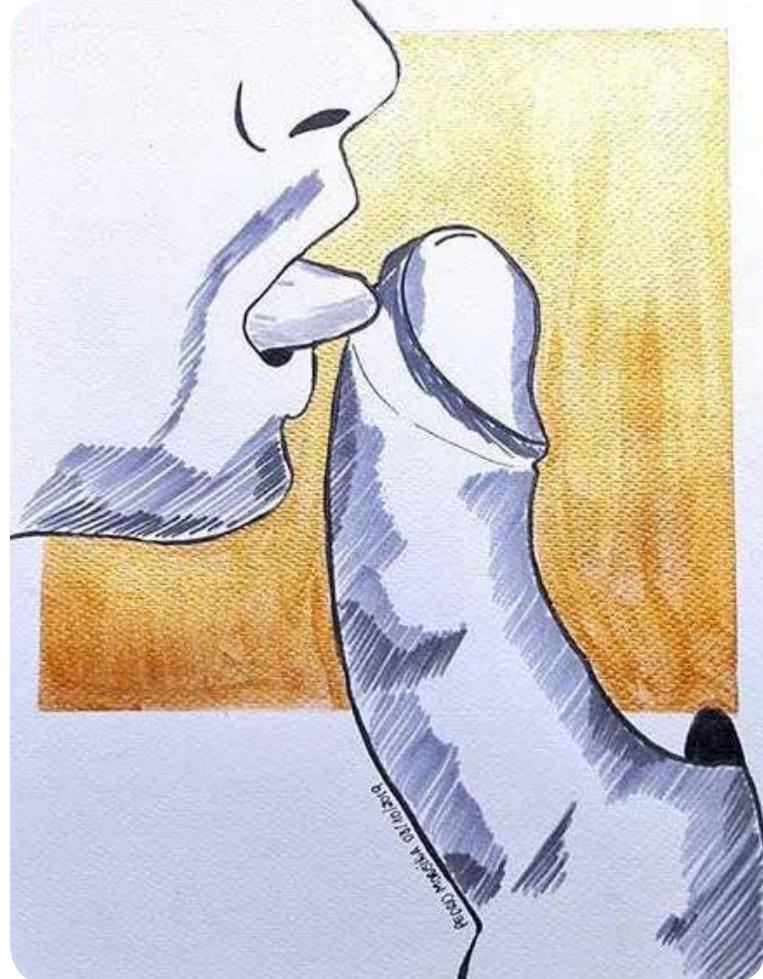
RAFAEL H. DAMBROS 2010



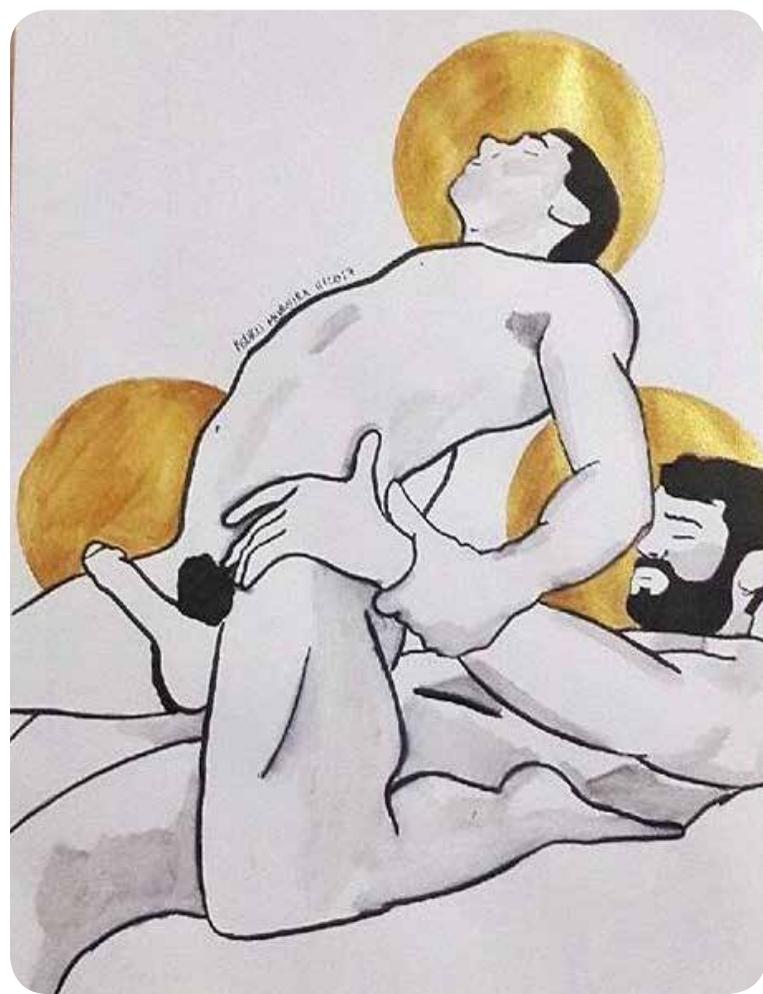
Pedro Moreira foi bailarino por 10 anos. Essa experiência fez com que refletisse e adentrasse nas questões relacionadas ao corpo masculino, à afetividade e às masculinidades na sociedade.

Graduado em publicidade, seu Mestrado em Criação Artística Contemporânea feito em Portugal o levou a deixar a dança para iniciar outro processo artístico: o desenho. Tendo como referências artísticas Felix Gonzalez-Torres, Idan Bitton e a Cia. Dita, entre outros, tenta criar um diálogo divino entre as relações homoafetivas, trazendo sempre o dourado e os círculos.

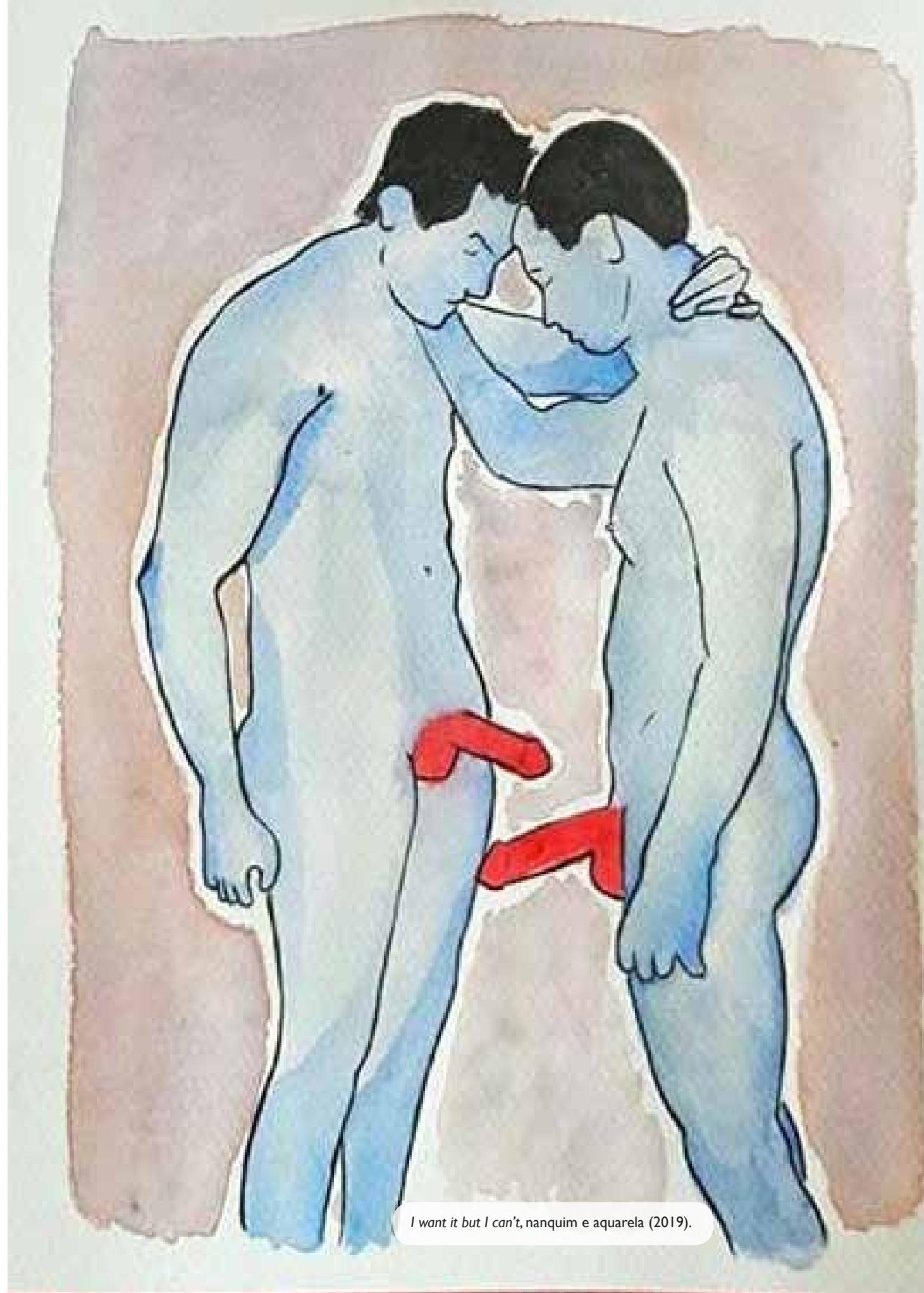
Meus desenhos falam sobre amor, companheirismo, desejo e ansiedade. Busco estar sempre em constante processo de criação, estando quase que diariamente em contato com o papel ou com o aplicativo de desenho.



Way to happiness, nanquim e guache (2019). Coleção privada, Portugal.



Sagrada familia, nanquim e guache (2017). Coleção privada, Bruxelas.



I want it but I can't, nanquim e aquarela (2019).

edição, redação e design: Filipe Chagas
corpo editorial: Dr. Alcemar Maia Souto, Guilherme
Correa e Rígle Guimarães.
site: Pedro Muraki

capa: *Terceiro dia*, caneta esferográfica em papel, de
Rafael Dambros, 2020.

Zelo e técnica foram empregados na edição desta
revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação
ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a
comunicação (falonart@gmail.com) para que possamos
verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

Nota do editor sobre nudez:

Por favor, entenda que esta publicação é sobre a
representação da masculinidade na Arte. Há, portanto,
imagens de nus masculinos, incluindo imagens de
genitália masculina. Consulte com precaução caso
sinta-se ofendido.

Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que
possuem direitos autorais de seu próprio trabalho.
Todos os direitos estão reservados e, portanto,
nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de
forma mecânica ou digital sem autorização prévia por
escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas
nesta publicação tenham sido fornecidas pelos
criadores com permissão de direitos autorais ou
sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no
protocolo de “uso justo” compartilhado pela internet
(imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador,
sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um
artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos
autorais violados, entre em contato através do e-mail
falonart@gmail.com e procederemos da melhor forma
possível.

Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja
como artista, modelo ou jornalista, entre em contato
através do e-mail falonart@gmail.com.



Editorial

Essa edição veio com força. Além
de todas as dificuldades de
produzir sozinho, especialmente
no meio dessa pandemia sem fim
previsto, tive que lidar com o luto.

A perda de um amigo de forma repentina
por conta desse mal que nos assola – não
falo só do vírus, mas também do descaso
eterno com a saúde do país – gerou uma
energia interrompida, um não-fechamento, algo
perdido no ar, sem volta. Foi preciso converter
as boas memórias que ainda causam tristeza
em potência criativa e assumir a necessidade
de ajuda. De chamar os amigos.

Falei com meu amigo Marcos Rossetton
(artista da sétima edição que também é
professor de moda) sobre a possibilidade de
escrevermos um texto juntos sobre a história
da cueca. O convite foi prontamente aceito e
o texto ficou bem bacana. Agradeço muito a
essa parceria feita no meio de uma residência
artística. Obrigado, Marcos!

Na esteira das últimas edições, onde venho
dando voz àqueles sem espaço, decidi falar
das pessoas com deficiência. Esse ímpeto veio
depois que um seguidor – outro Marcos – me
revelou sua condição porque, com a ajuda da
revista, começou a se olhar de outra forma.
Então, pedi um depoimento para a revista e o
desafiei a aparecer nu. Ele aceitou.

Esse alcance da revista me é muito caro.
Entender que ela é capaz de trazer algo de
positivo para esse mundo é uma das coisas

que me leva a permanecer nesse caminho
cheio de obstáculos. Ao estudar sobre pessoas
com deficiência, minha visão de mundo se
abriu. Olha... eu te garanto que você não sabe
nada sobre o assunto e ainda age de forma
preconceituosa sem nem se dar conta. É uma
daquelas matérias divisoras de águas.

Bem como o *Bibliófalo*. O livro do meu amigo
Eliude é um soco atrás do outro. Imperdível,
mas precisa de preparo. Não é para mentes
fechadas.

Coloquei na capa meu amigo Rafael
Dambros que sofreu com a censura no
mesmo momento que a revista estava se
desenvolvendo. Tanto Gustavo Marcasse e Fefo
Reyes também rondam o assunto censura:
enquanto um tenta driblar algoritmos o outro
explora a sua autoimagem e seus desejos
para refletir sobre a censura que colocamos
sobre nós mesmos. Na história, ficamos
conhecendo Wilhel von Gloeden, fotógrafo
importantíssimo para o nu masculino enquanto
Arte, mas que nos leva a questionar os limites
éticos e de censura.

Junto com mais um *Falatório* belíssimo, um
moNumento de respeito, a charge sempre
certeira de Adão Iturrugarai e as folhas de
guarda* com Pedro Moreira, essa edição veio –
como dito no início – com FORÇA!

Se quiser colaborar com o projeto, procure a
Falo na *Benfeitoria*, no *Redbubble* ou mande um
e-mail que responderei com prazer.

Essa revista é pra ti, Luiz.

Filipe Chagas, editor

| | |
|--|-----|
| Rafael Dambros | 6 |
| Gustavo Marcasse | 24 |
| Fefo Reyes | 36 |
| FALO DE HISTÓRIA Wilhelm von Gloeden | 50 |
| FALO EM FOCO | 69 |
| ESPECIAL A história da cueca | 70 |
| FALORRAGIA + FALOCAMPSE (d)Eficiência | 82 |
| FALATÓRIO | 102 |
| BIBLIÓFALO Espinhos do Bosque Sagrado | 104 |
| FALO com VOCÊ | 108 |
| moNumento | 111 |

* Folhas de Guarda servem para unir a capa dura
ao corpo do livro e também para protegê-lo.

Rafael Dambros

por Filipe Chagas

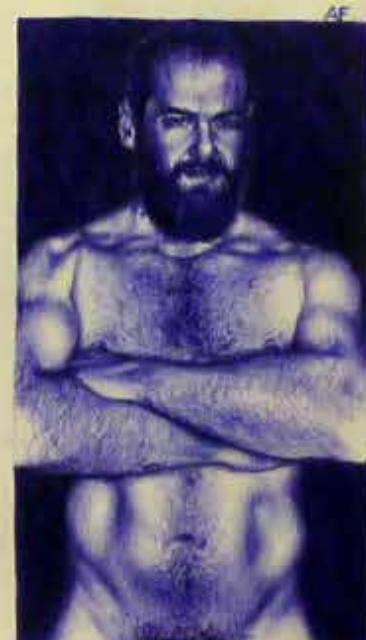
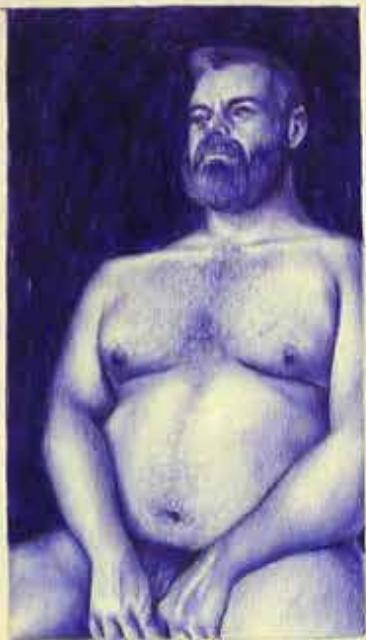
Ser artista não é fácil. Ser artista no Brasil, então... E o que dizer de ser professor nesse país? Agora imagina ser um apaixonado professor de Arte? Pois é... esse é Rafael Dambros, que, além disso tudo, enfrentou a onda de censura que atingiu com força a arte nos últimos anos (a mesma que foi o gatilho dessa revista). Em 2018, sua exposição *Santificados* foi cancelada e depois realocada, onde sofreu intimidações verbais, linchamento virtual e publicaram vídeos difamatórios feitos por políticos incultos. Teve até grupo de reza do lado de fora da exposição!

Por isso, as palavras dele devem ser lidas primeiro:

Fui incentivado a trabalhar com arte desde criança por toda a minha família de todas as formas possíveis, de cursos a mini exposições caseiras. Isso me deu coragem para buscar o que queria.

Iniciei meus estudos em Artes Plásticas em Caxias do Sul, mas desisti para passar um ótimo período de sete anos no Rio de Janeiro. Cursei produção audiovisual, retornei para casa e finalmente me assumi como artista.

A última ceia 2, esferográfica em papel, série *Santificados*, 2017.

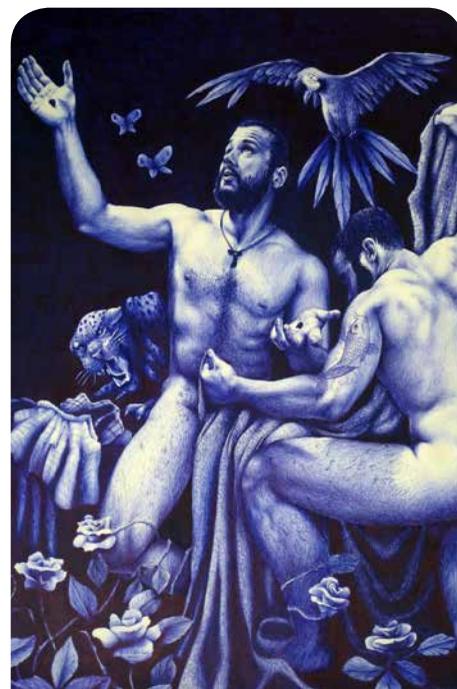




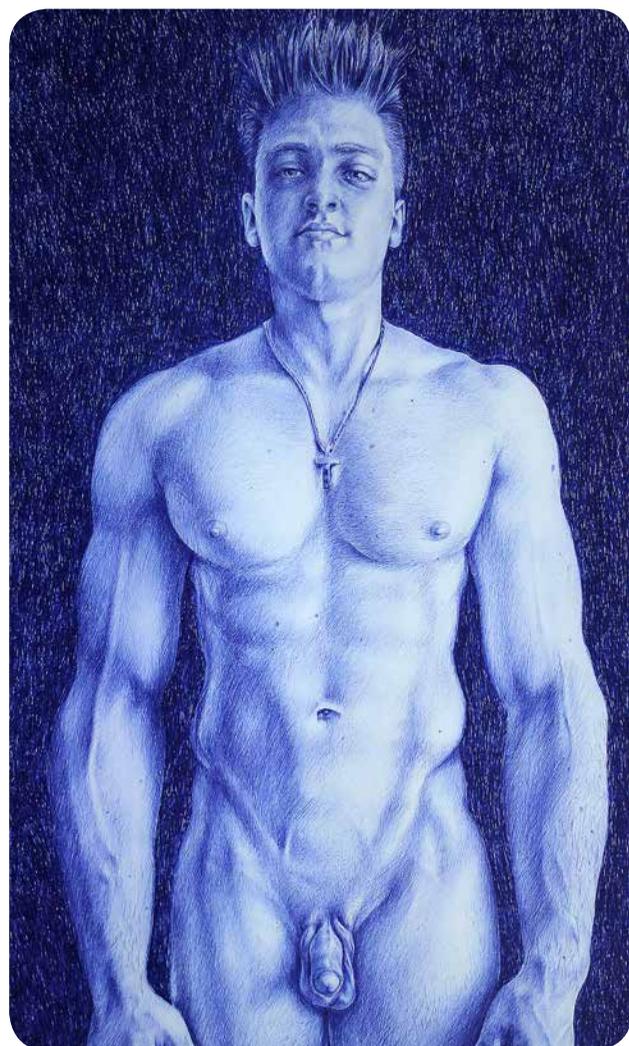
Série *Santificados* (2017). Acima, nesta página, *Baco e Sérgio* (esferográfica, hidrocor e folha de ouro sobre papel) e na outra página, *São João Batista* (esferográfica sobre papel).



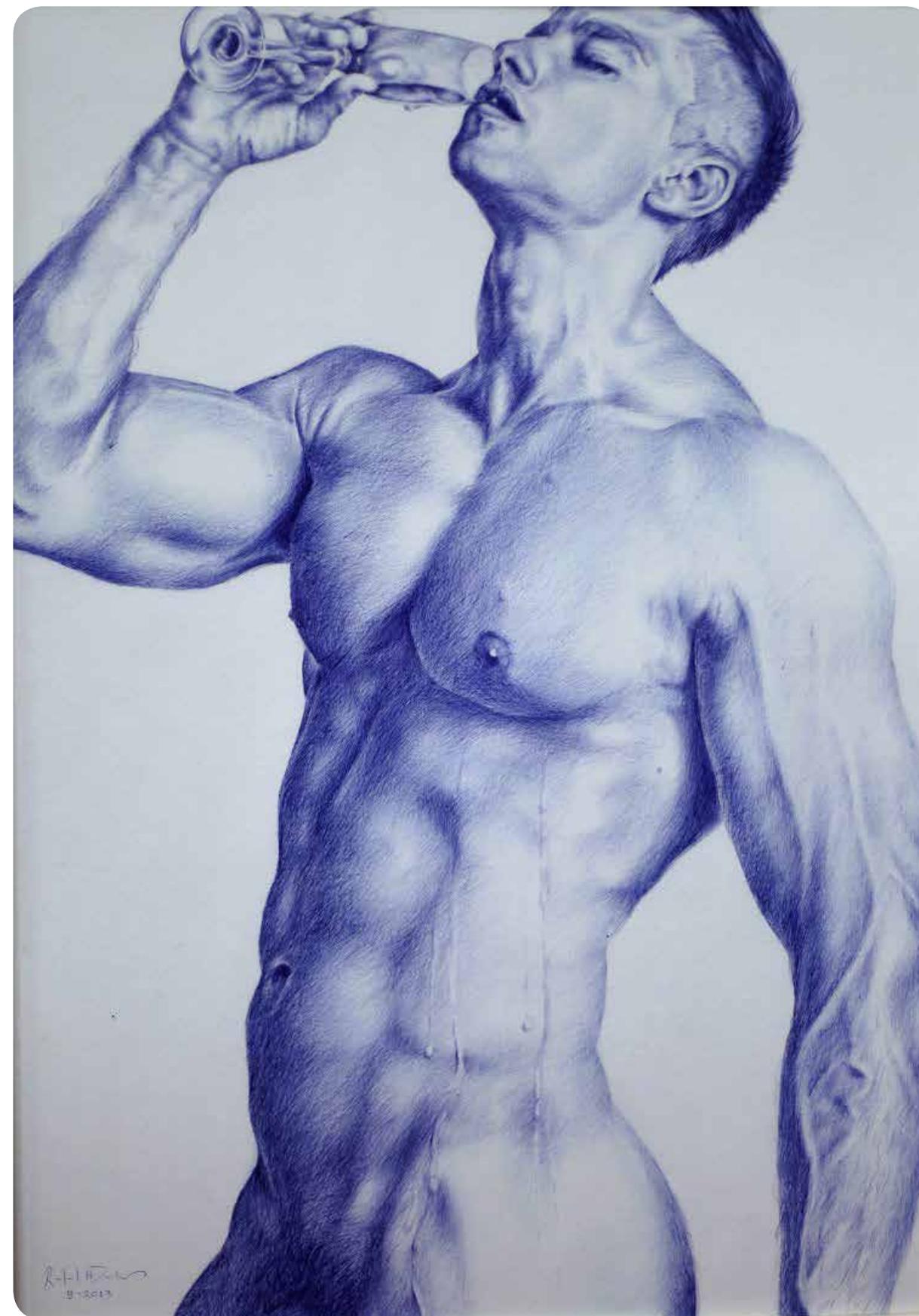
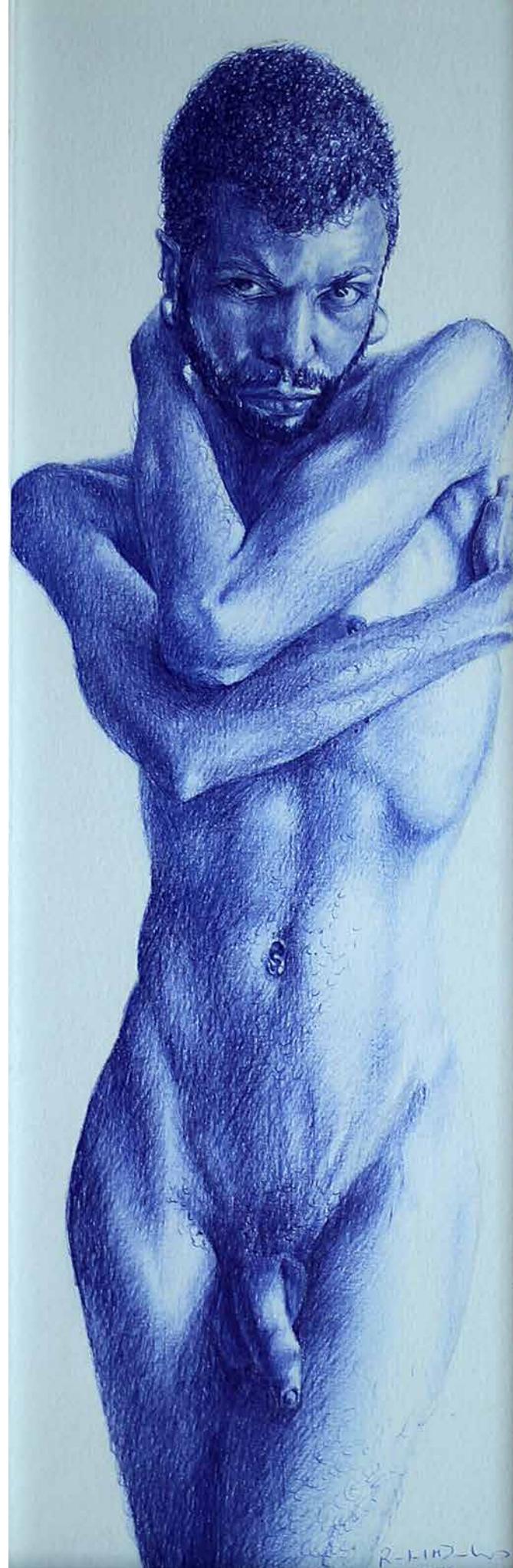
Abaixo, *São Roque* (acrílica e PVA sobre tela), *São Francisco* (esferográfica sobre papel), *São Judas Tadeu* (esferográfica sobre papel), *Salve Jorge* (esferográfica sobre papel) e *Santo Expedito* (esferográfica, acrílica, PVA e folha de ouro sobre tela).



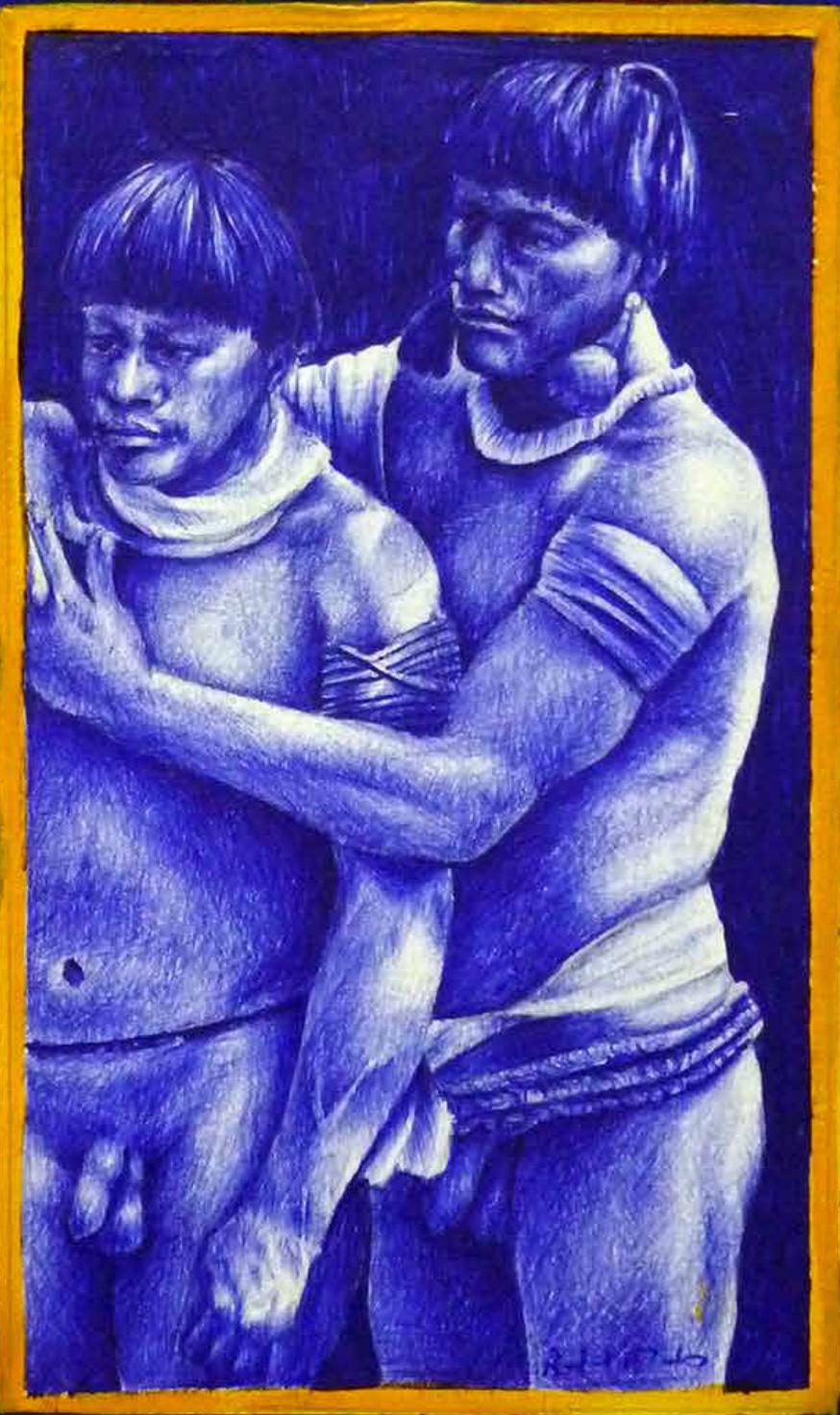
Após ficar conhecido por seu trabalho usando caneta esferográfica – onde a forma é moldada pelos efeitos esperados da técnica –, muitas pessoas passaram a se oferecer para posar para Rafael. Mas é claro que ele ganhou fama de voyeur tarado quando começou a buscar modelos... afinal, nada poderia ser fácil na trajetória do artista. Tanto mulheres quanto homens tinham restrições a mostrar certas partes do corpo por receio de opiniões alheias, mas os modelos masculinos apresentavam menos desconforto por estarem nus na presença de outro homem. As reações aos resultados também eram semelhantes: para o desenho feminino ouvia “que desenho lindo!”, já para o desenho masculino era “olha, um pênis!”



Acima, *Ecce homo* (2013) e, ao lado, *Abraço* (2014), ambos em esferográfica sobre papel, série *Humano Esferográfico*.



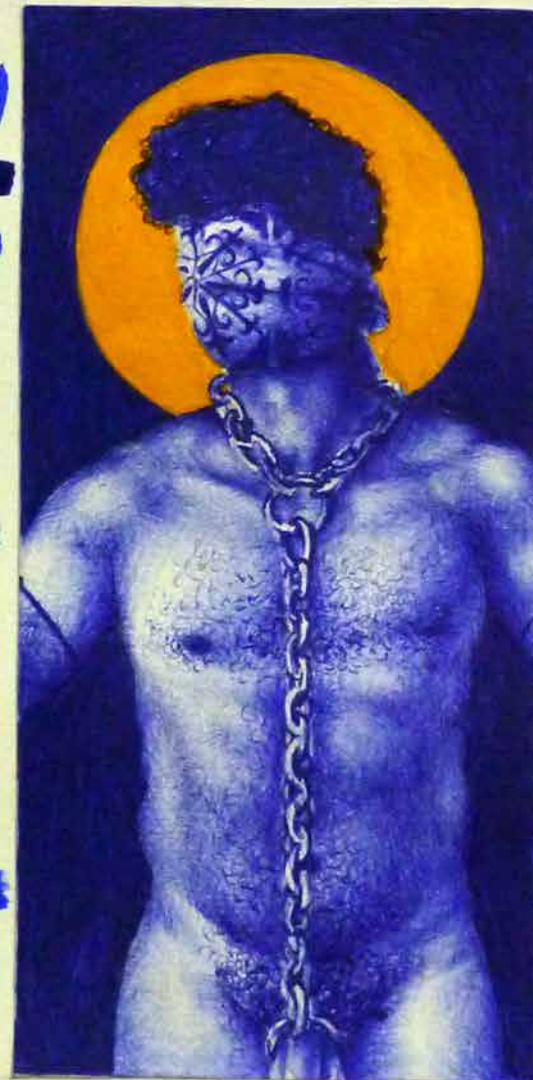
Sede, esferográfica sobre papel, série *Humano Esferográfico*, 2013.



Amor original, esfereográfica e aquarela, série Meus, 2020.

RA21
EA07
EL83

SENHOR DEUS DOS DESGRACADOS DI
ZEI-ME VÓS SENHOR DEUS SEE LOU
CURA SEE VERDADE TANTO HORB
OR PERANTE OS CÉUS OH MARRP

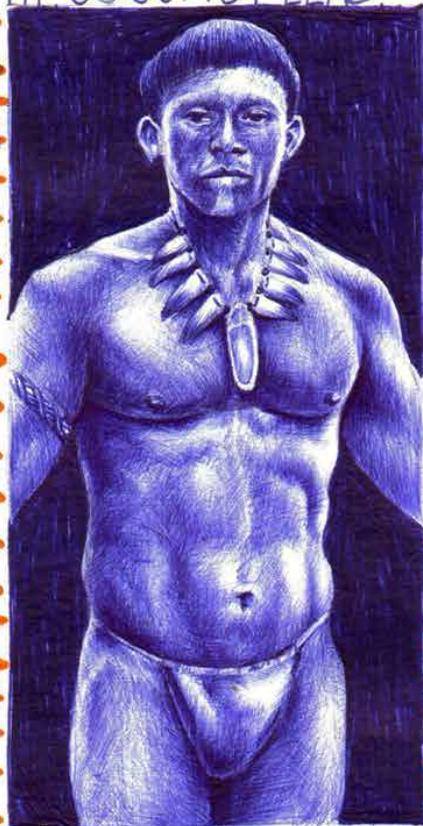


Passado, esfereográfica e aquarela, série Meus, 2020.

ORQUE NÃO APAGAS AS TUAS VAGAS
DE TEU MANTO ESTE BORRÃO ASTRO,
NOITE, TEMPESTADE ROLA DAS I
MENSIDADES VARREI OS MARES
TUFÃO 210 71983 RAFAEL H. DAMBROS 10022020

Índio, Conquistador e Invasor, esferográficas e aquarelas, série Meus, 2020.

ALIVERIEIS GALANTES,
PINTADOS DE PRETO E V
ERMELHO, E QUARTEJA
DOS, ASSIM PELOS CO
RPOS COMO PELAS

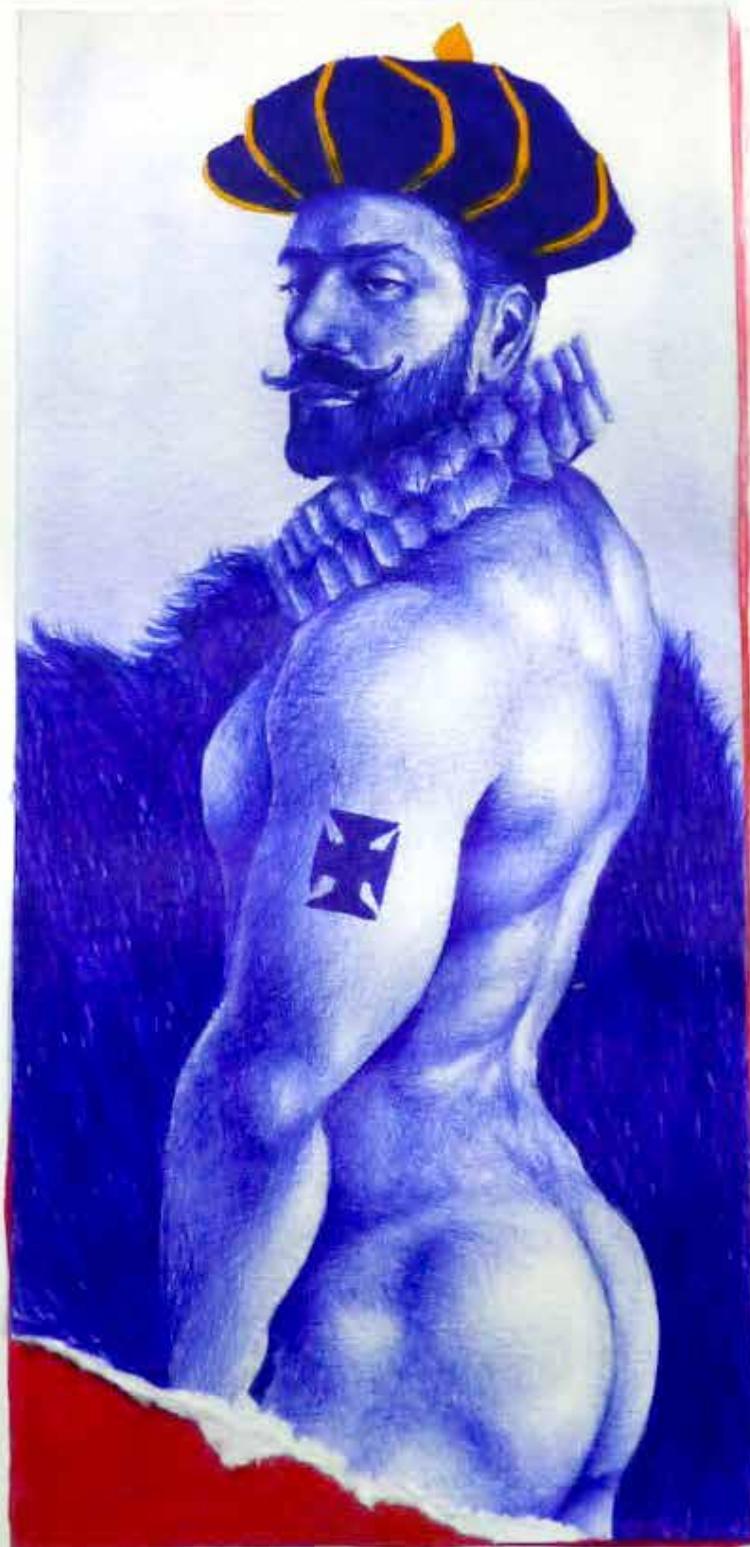


PERNAS, QUE, CERTO,
ASSIM PARECIAM BEM

RAFAEL H. DAMBROS.

20012020

21071983



OMARSALGADO, QUANTO DOTEU SALSÃO
LAGRIMAS (...)
PORTE CRUZ ARMOS, QUANTAS MÃES
CHORARAM, QUANTOS FILHOS EM
VÃO REZARAM!

21071983

RAFAEL H. DAMBROS 15022020

AS ARMAS E OS BARÕES ASSINALADOS,
QUE DA OCIDENTAL PRATA LUSITANA,
POR MARES NUNCA ANTES NAVEGADOS,
EM PERIGO SE GUERRAS SE FORÇADOS,
MAIS DO QUE PROMETIA A FORÇA HUMANA



ETAMBEM AS MEMÓRIAS GLORIOSAS
DAQUELES REIS, QUE FORAM DILATANDO
AEE... O IMPERIO, E AS TERRAS VICTOSAS
DE AFRICA E DE ASIA ANDARAM DEVAST
ANDO (...)
CESSE TUDO QUE A MUSA ANTIGA CANTA,
QUE OUTRO VALOR MAIS ALTO SE ALEVANTA

RAFAEL H. DAMBROS 2020

21071983

Apesar dos obstáculos, Rafael credita uma naturalidade a seu discurso hiperrealista. Retrata pessoas na máxima realidade que sua técnica permite, ao mesmo tempo que retira interferências de paisagem ou ambiente para que seus personagens sejam vistos pelo que são a partir de sua visão particular.

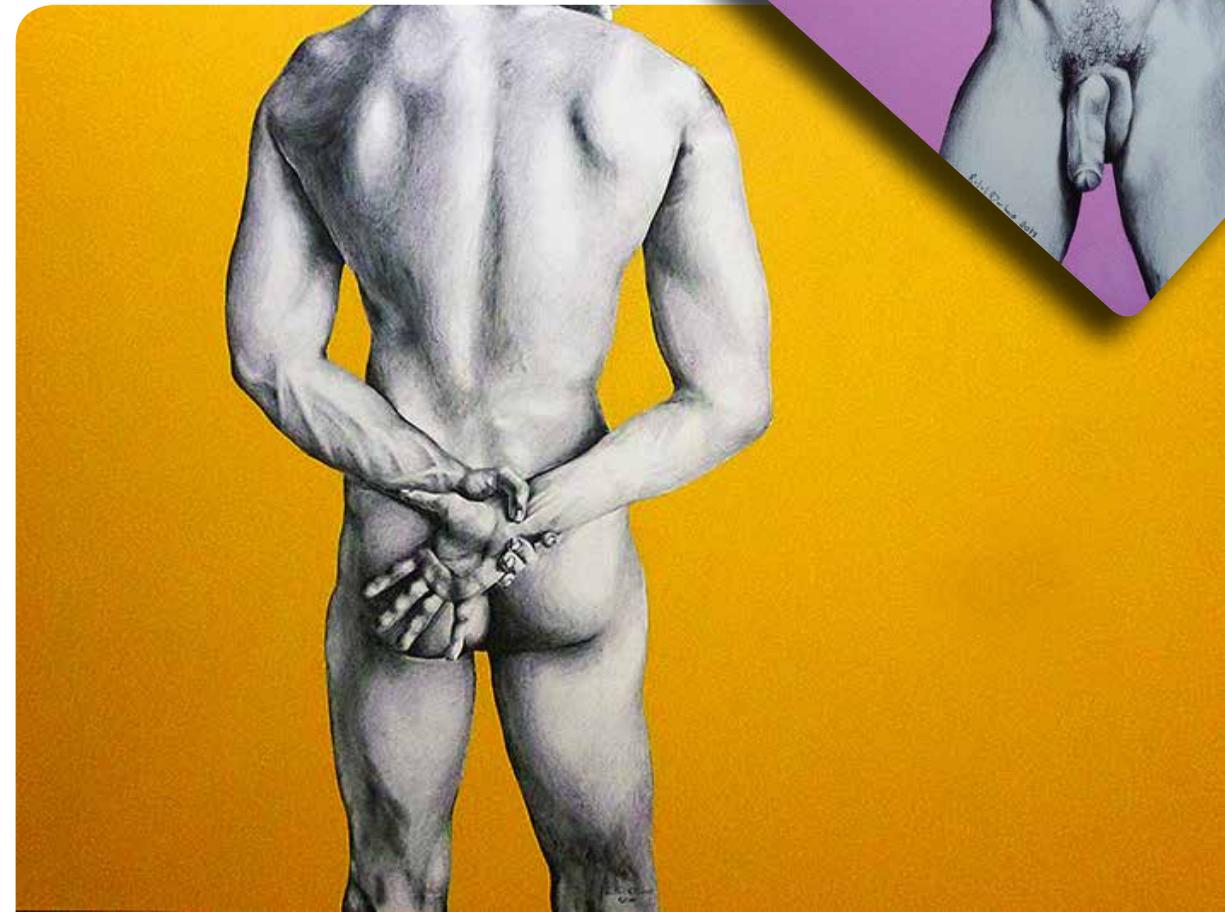
A figura masculina surgiu para ele como forma de inspiração primária, fosse pelo desejo ("é onde meu olhar se deita com mais facilidade) ou para marcar uma identidade homoerótica questionadora. Quando cria uma imagem feminina é porque aquela forma se faz necessária, como algumas releituras da iconografia católica de *Santificados*.

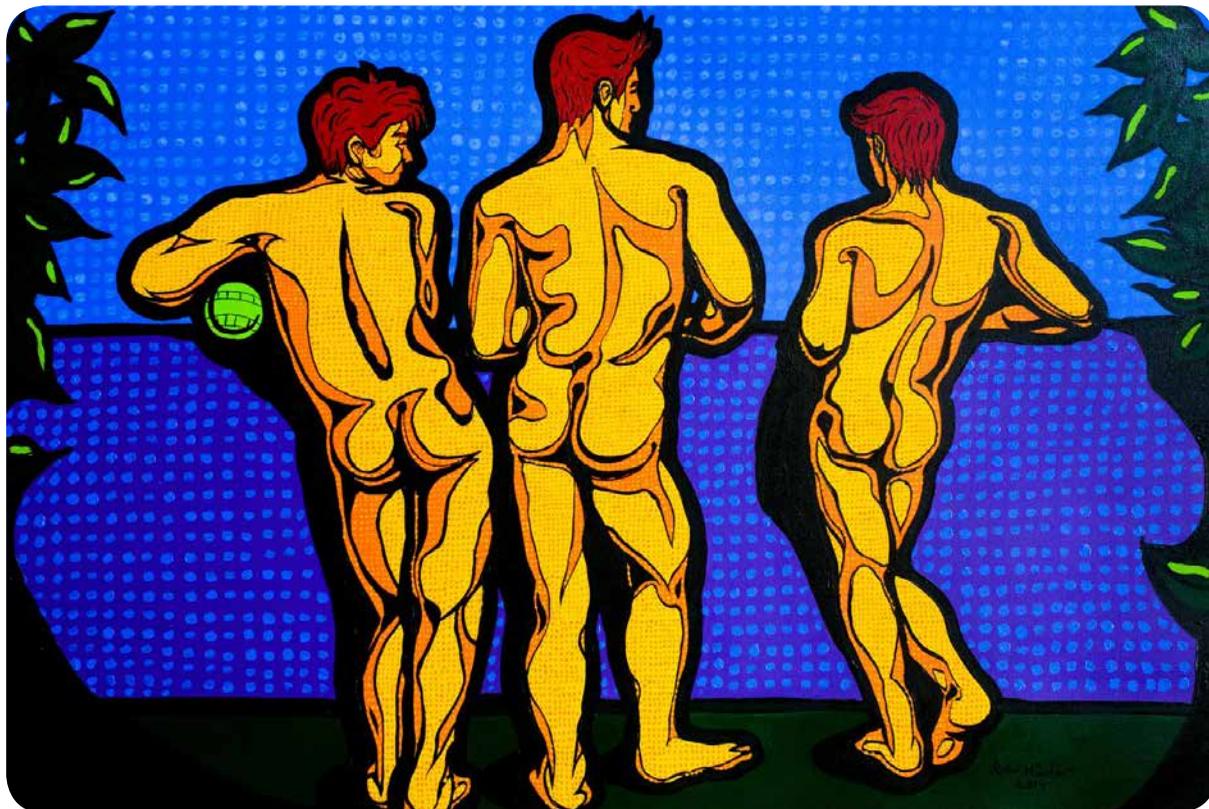
O universo artístico é, historicamente, machista. O nu masculino sempre foi visto como algo vulgar ou secundário, enquanto a mulher foi objetificada de todas as formas possíveis e dentro da arte. Insisto na imagem do homem porque busco a representatividade do masculino com todas as suas nuances e, às vezes, quero criar o caminho inverso, o de objetificá-lo.

Pecado, acrílica em MDF, 2017.

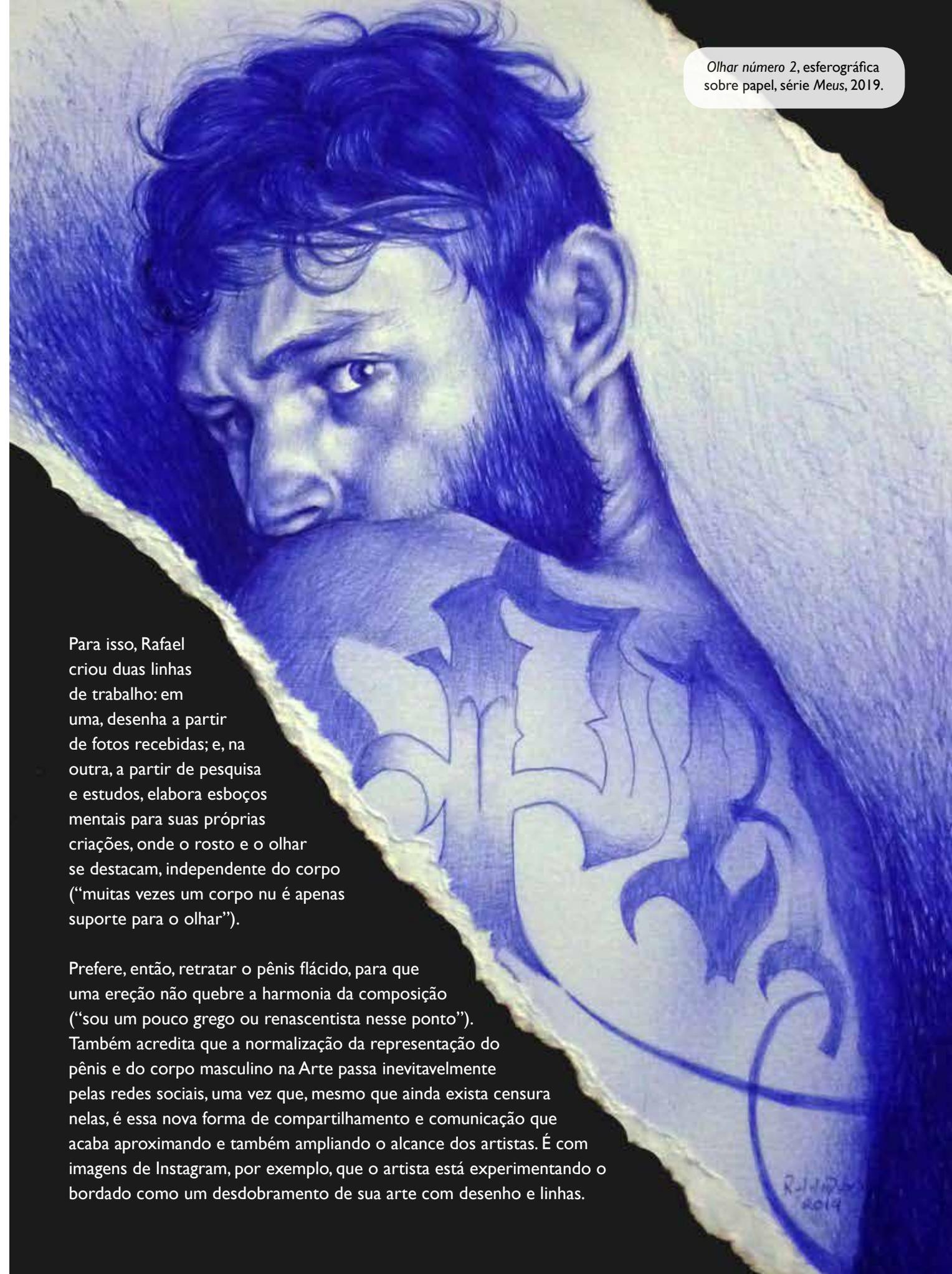


Série Men (2015/2016). Acima, *Vermelho número 1*. Ao lado, *Pink*. Abaixo, *Amarelo número 1*. Todos em esferográfica, caneta posca e acrílica sobre tela.





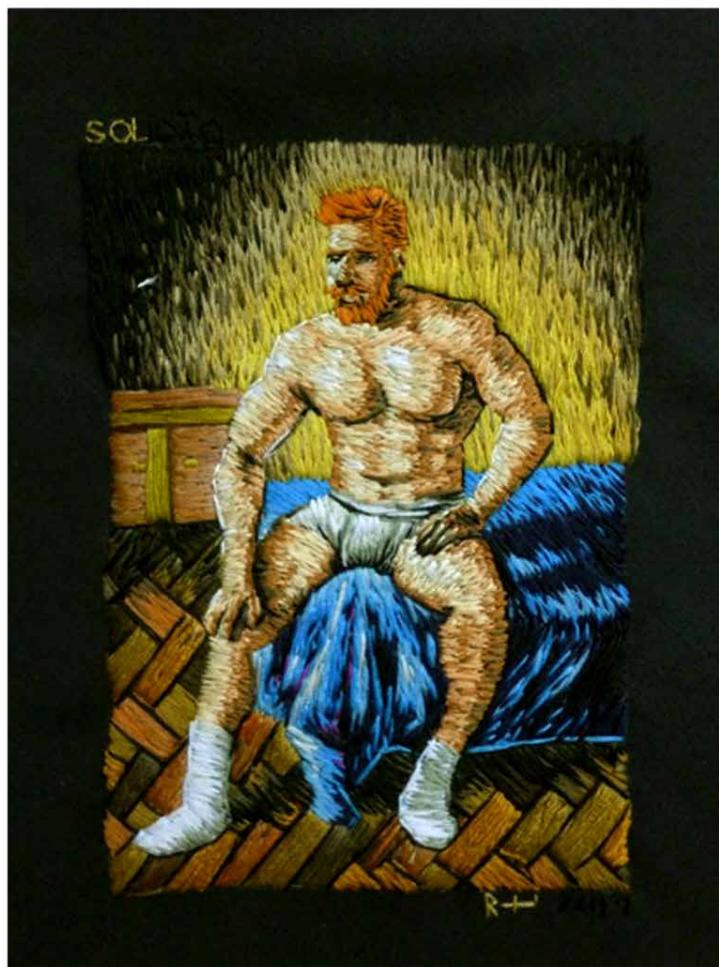
Série **Pop Porn** (2014/2015). Acima, Wilhelm Von Gloeden 1900(02).
Abaixo, Wilhelm Von Gloeden 1900 e A. Calavas (detalhe) 1895. Todos em acrílica sobre tela,



Olhar número 2, esferográfica sobre papel, série **Meus**, 2019.

Para isso, Rafael criou duas linhas de trabalho: em uma, desenha a partir de fotos recebidas; e, na outra, a partir de pesquisa e estudos, elabora esboços mentais para suas próprias criações, onde o rosto e o olhar se destacam, independente do corpo (“muitas vezes um corpo nu é apenas suporte para o olhar”).

Prefere, então, retratar o pênis flácido, para que uma ereção não quebre a harmonia da composição (“sou um pouco grego ou renascentista nesse ponto”). Também acredita que a normalização da representação do pênis e do corpo masculino na Arte passa inevitavelmente pelas redes sociais, uma vez que, mesmo que ainda exista censura nelas, é essa nova forma de compartilhamento e comunicação que acaba aproximando e também ampliando o alcance dos artistas. É com imagens de Instagram, por exemplo, que o artista está experimentando o bordado como um desdobramento de sua arte com desenho e linhas.



Esse histórico de preconceitos e censuras, não assombra Rafael, que segue produzindo, cada vez mais ligado ao questionamento social, cultural, político e religioso. “Façam o que tiverem vontade de fazer” é seu maior conselho, bem libertário e extremamente subversivo para os tempos que vivemos. **8=D**

www



Série Bordados (2020). Sentido horário a partir de cima: *Solidão, Mar, B, Homem de joelhos e Jaqueta preta.*

Cirurgia plástica
para você!



Dr. Alcemar Maia Souto

CRM 5246681-1

+55 21 97395 8000 alcemarmaiasouto@gmail.com

Gustavo Marcasse

por Filipe Chagas

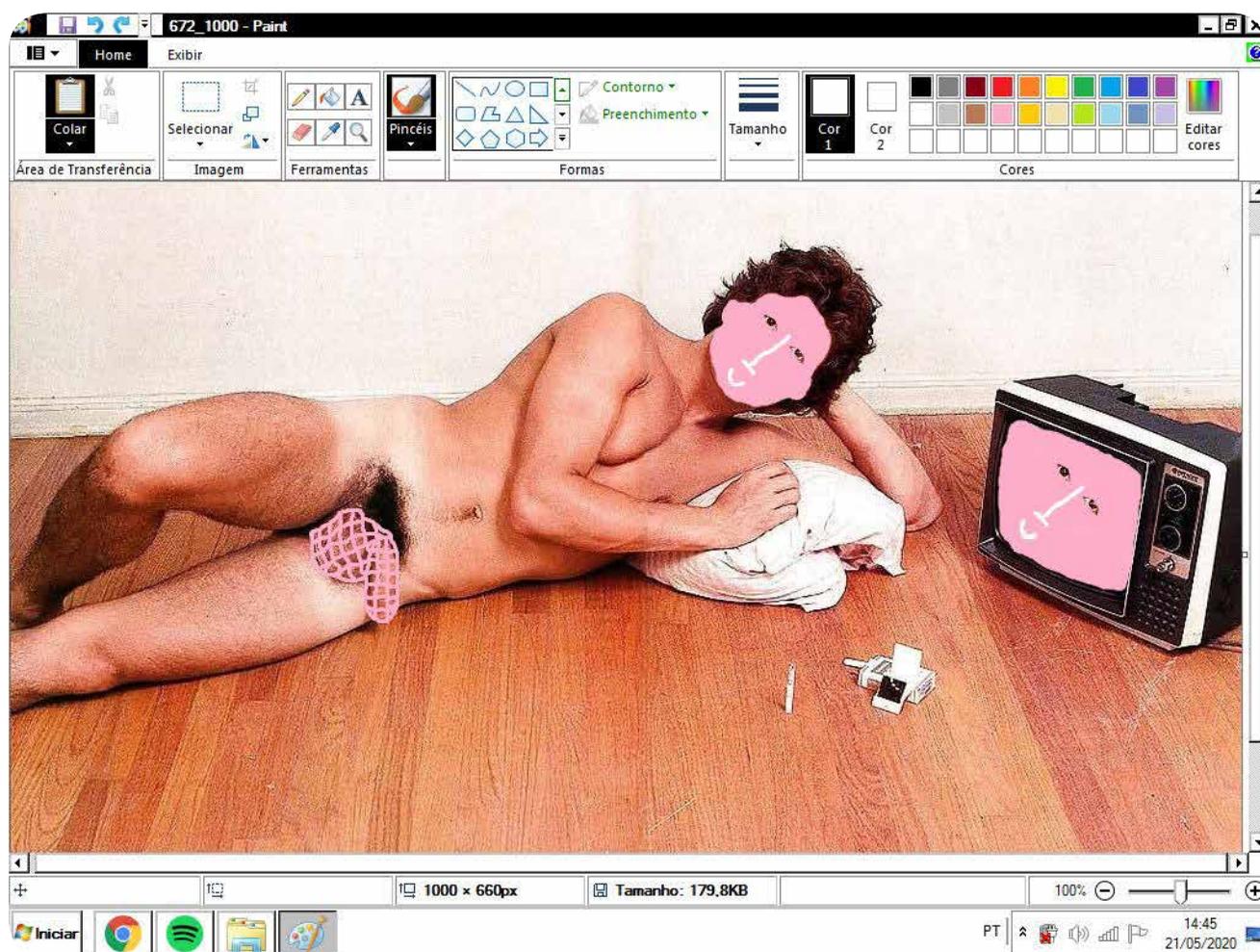
Gustavo Marcasse afirma que ter nascido na década de 1990 tem grande importância em seu trabalho, pois cresceu junto com a internet. Hiperativo, mas controlado – como gosta de dizer –, relembra do mundo sem ela, mas vê o passado quase como impossível, uma vez que a existência humana convencional é agora em parte virtual:

Ignorar a parcela virtual da nossa vida seria como ignorar um continente no nosso planeta, um solo fértil de recurso, mas altamente perigoso quando mal utilizado.

A “revelação religiosa” que teve na infância em seu primeiro contato com o Paintbrush (hoje Paint, software de desenho simples e edição de imagem) está gravada na memória: o Gustavo de nove anos desenhou um quadrado com tanta facilidade que ficou fascinado pelo mundo de possibilidades que a tecnologia traria. Inocente, mas real.

Marcasse estudou fotografia e se aproximou de programas de edição e criação de imagem mais sofisticados, usando hoje as redes sociais como um laboratório onde experimenta constantemente sua arte com resposta imediata de vários interlocutores. Apesar de realizar uma intervenção digital em suas fotografias, prefere não resumir o que faz a isso:

Nomear as coisas é determinista. Eu não quero só intervir na fotografia. Quero especular junto aos materiais disponíveis. Acredito que o que eu estou tentando criar são “espaços digitais especulativos”.



Marcasse tem, então, a fotografia por base de colagens e desenhos digitais que considera uma produção coletiva: o fotógrafo da imagem original, o modelo (em alguns casos, o autor da imagem), as ferramentas e plataformas de exposição que eles dispunham e as que o artista em si dispõe. Une todos esses materiais e conceitos nem sempre próximos para se tornarem agentes ativos em seu processo de criação/interação.

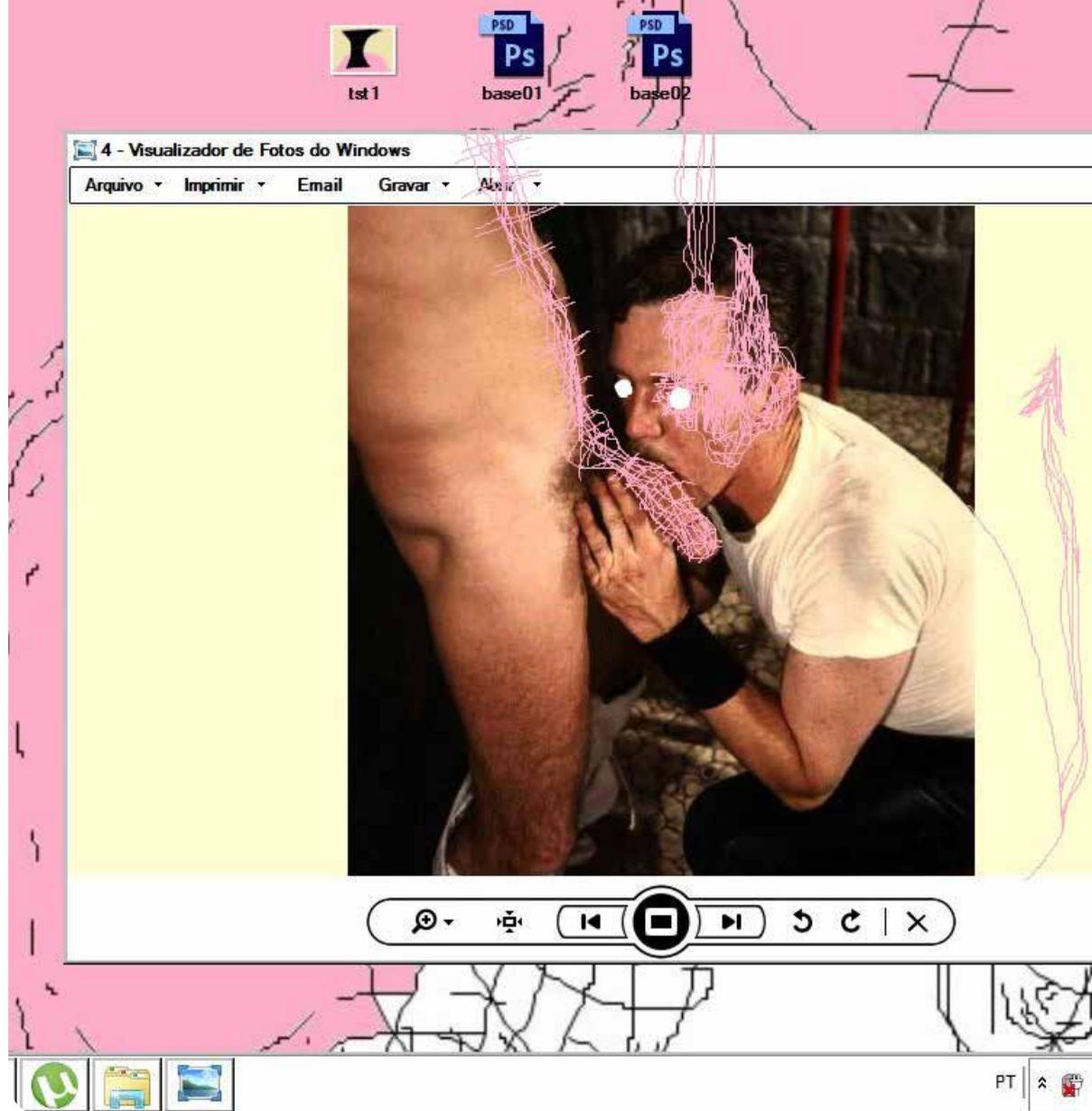
De forma livre, editando e reeditando sem objetivo fixo ou muito trabalho, pensa a natureza dentro da tecnologia para imaginar as forças naturais do mundo virtual. Vai buscando de que é feito o espaço em que as imagens são construídas e como as coisas se relacionam na composição. A potência de interpretações vem do prazer da criação, do treinamento da imaginação a partir da Arte:

Desktop environment showing various icons and files:

- Applications: PSCS6 - Atalho, IllustratorCS6... - Atalho, Capturar423, Capturar214, 595_10001, 595_100011, marcassera especulativa
- Files: 580_1000.psd, 01 (21)
- Background: A large white wireframe drawing of a hand on a pink background.

Microsoft Office 2010 window showing an image of a man's torso with a 3D wireframe mesh overlaid. The mesh is pink and semi-transparent, showing the underlying structure of the man's body. The window title is "Microsoft Office 2010" and the menu bar includes "Arquivo", "Editar", "Exibir", "Imagem", "Ferramentas", and "Ajuda". The toolbar shows "Atalhos..." and "Editar Imagens...". The image file name is "30299111111".

Windows taskbar showing the Start button, taskbar icons for Google Chrome, Spotify, File Explorer, and Paint, and the system tray with the date and time: 14:23, 12/05/2020.



30

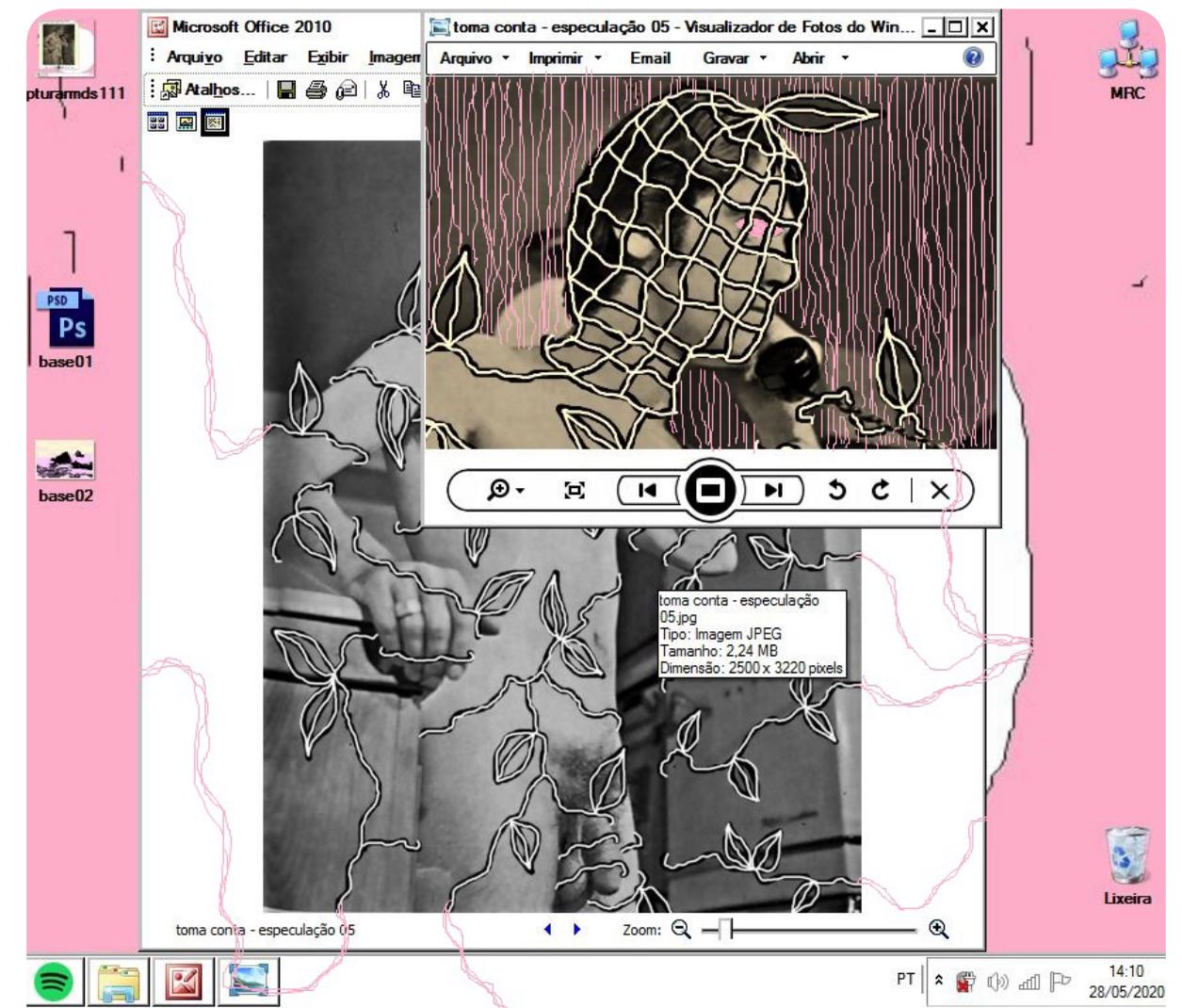
Meu processo de criação é um pouco como uma punheta, ou melhor, sexo virtual, pensando no fator coletivo e distante da criação. Não é sobre fecundar ou gerar. É sobre se encontrar, mesmo que virtualmente, sem precisar de outro motivo que não o prazer e a vontade. É antes de mais nada a busca do prazer da imaginação, e, como dizia a maravilhosa Ursula K. Le Guin: a imaginação é nossa maior defesa.

Marcasse acredita que sua relação com a prática artística experimental vem do Teatro, onde a obra nunca está acabada, pois cada reencenação resulta em algo novo. Foi também sua primeira peça de teatro que lhe deu a identificação como artista (“falar sobre o que você fez com outras pessoas ajuda a presentificar no mundo”). Suas referências passam por outros lugares e mídias, como Laurie Anderson, Aleksandra Waliszewska, Katia Maciel, Tom of Finland, Jim French, Bob Mizer, George Platt Lynes e Robert Mapplethorpe.

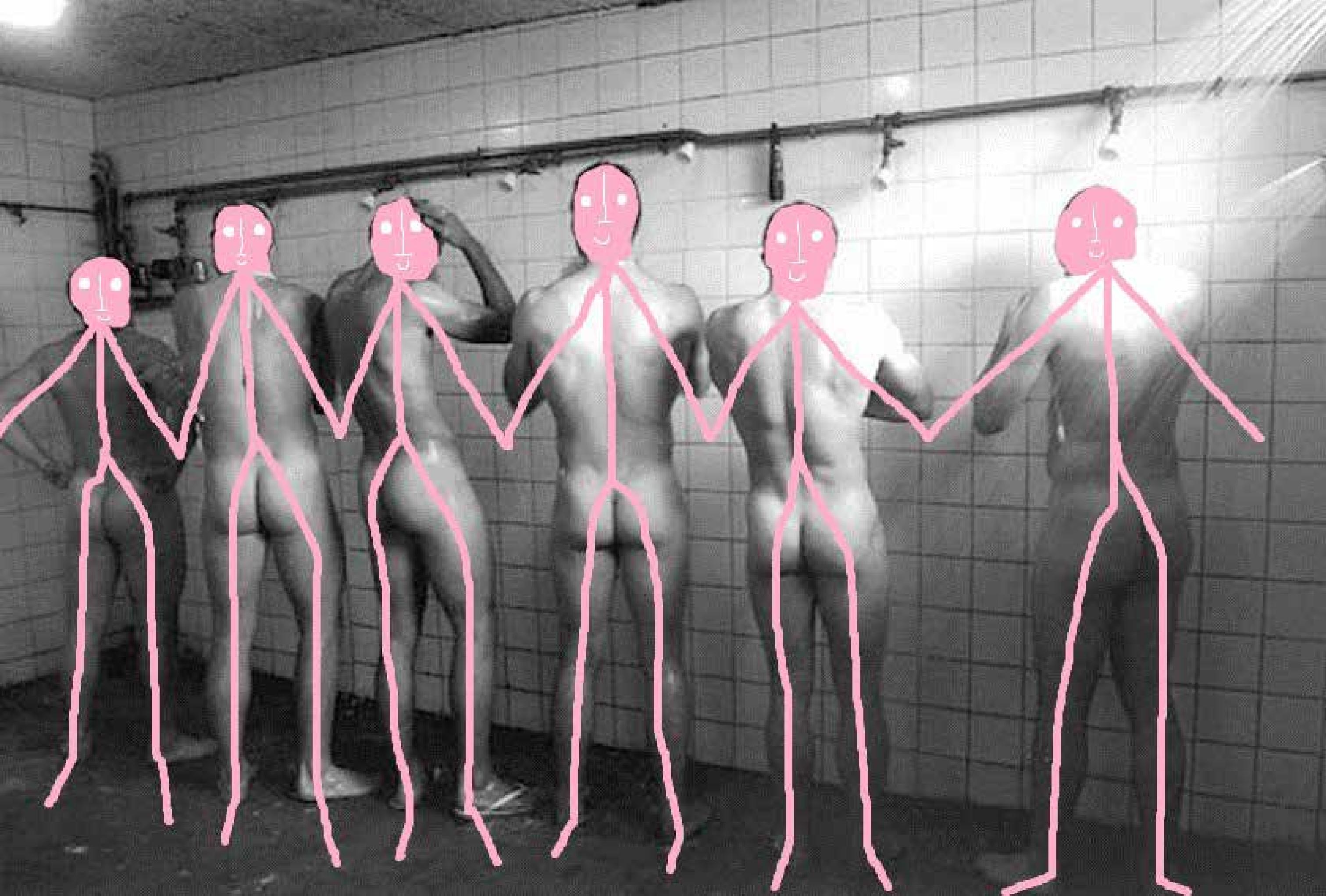
O mundo virtual gay foi a primeira comunidade onde Marcasse se sentiu livre pra ser aceito (“a pornografia gay e o sexo virtual toma um contorno salvífico”). A figura masculina começou como objeto central de inspiração, afirmação de

identidade e resistência, objetivando mostrar que o corpo do homem é sexual, suscetível e sensível e pensar sobre como fazer isso de forma não agressiva, colonizadora ou competitiva. Com o tempo, ele foi se tornando cor, forma, espaço e local.

Utilizo o corpo todo nas minhas obras, mas não só ele. Gosto de torcê-lo, sobrepô-lo, pintá-lo de forma que se torne algo mais, às vezes espaço, às vezes entidade. Muitas vezes se perde quase que totalmente a informação de corpo, mas ele ainda está presente, só não é o protagonista da narrativa. O que está acontecendo com o corpo em relação aquele espaço é o que mais me interessa.



31



Seu primeiro trabalho foi pra uma festa de música eletrônica em Curitiba, onde preencheu as paredes do banheiro com colagens que mesclavam porno gay dos anos 70 e fotos do espaço tiradas pela Nasa já no nosso século.

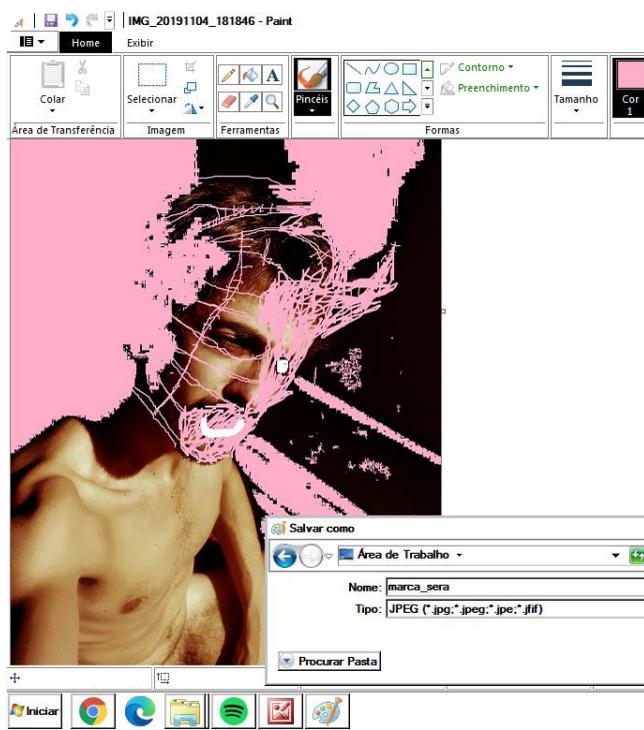
O artista passou a enfrentar, então, a censura das redes sociais, que bloqueavam ou deletavam seus trabalhos pelo conteúdo erótico. A luta é constante e frequentemente frustrante, porém, ela também oferece o grau certo de criatividade (e rebeldia) que interfere em seu processo de criação para driblar o frágil sistema de censura e postar o nu frontal masculino. Tem percebido, inclusive, que outros artistas estão tomando essa postura de reinventar o masculino e apresentar não só a pluralidade de corpos existente mas também os múltiplos desejos da audiência.

34

Marcasse pretende continuar especulando pelo puro prazer de encontrar algo que valha a pena. Vê sua pesquisa com o corpo masculino como um agradecimento à comunidade gay que o recebeu e o inspira e deixa um recado para os novos tempos:

Todo artista que prega pela liberdade é uma potência positiva no nosso tempo, é movimento rumo a um lugar melhor.

8=D



noisy
rain
gay art magazine
WWW.NOISYRAIN.COM

FOR ARTISTS AND ART LOVERS
ONLINE GAY ART MAGAZINE





Fefo Reyes

por Filipe Chagas

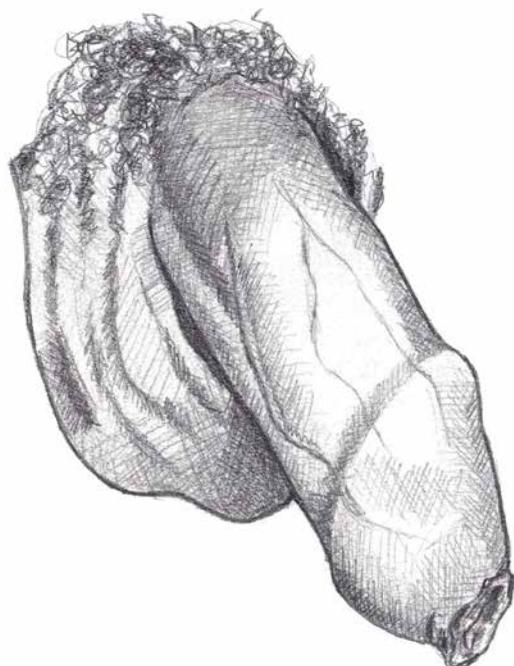
Sabe-se que a Arte é algo imprescindível, que torna nossas vidas plenas. Ela nos faz rever conceitos sobre o mundo e nós mesmos de formas relevantes e até terapêuticas. Isso vale tanto para espectadores e entusiastas, quanto para artistas como Federico Reyes, o Fefo.

Nascido no Uruguai, rodeado de telas, pincéis, tintas e livros de arte, família de pintores amadores, Fefo entendeu desde muito cedo essa potência e a usou para refletir sobre seu corpo e sua sexualidade.

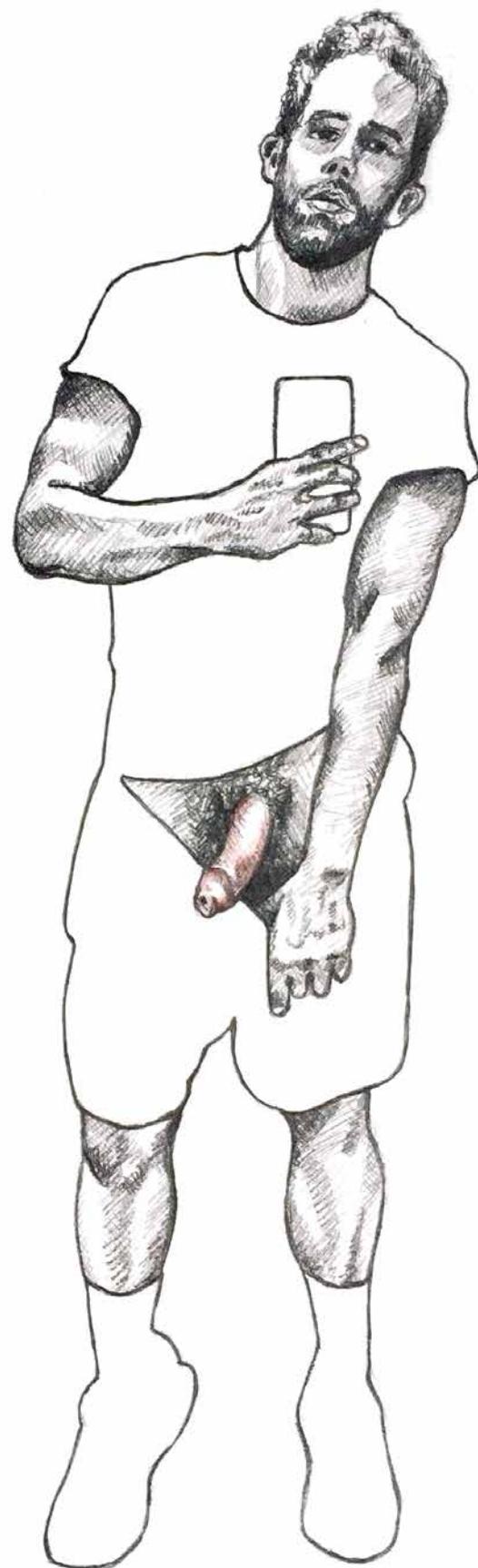
Sempre me ative à representação da figura humana, mas, durante muito tempo, desenhava mulheres para esconder meus sentimentos. Hoje já não os escondo. Busco expressar meus sentimentos, minha sexualidade. A arte tem sido uma forma de libertação, de perder meus medos.

Sempre tímido, Fefo conta que teve um desenvolvimento precoce, pois seu corpo amadureceu antes de seus colegas de escola. Nesse período em que os corpos mudam e são colocados sob a observação dos outros, tinha dificuldades com sua imagem corporal, fosse pelo excesso de peso ou por seu peito escavado. Entretanto, certo dia, seus colegas o viram nu e Fefo recebeu vários elogios direcionados ao seu pênis (“fui chamado de ‘cavalo’ e ‘grosso’, mesmo sendo normal”), que foram construindo sua confiança e uma segurança a partir do falo.

38



Fefo Autorretrato 3, grafite, 2019.



Fefo Autorretrato 1, grafite, 2018.

Fefo e seus Nikes, aquarela e grafite, 2019.



Sendo o autorretrato um exercício tanto de técnica quanto de autoconhecimento, começou a dar ênfase à forma e à anatomia do pênis (“sobretudo, ereto ou *morcellona*”) em seu processo de entender e trabalhar seus complexos.

Ter amigos como modelos deixa tudo mais relaxado, mas o autorretrato faz parte do processo de aceitação do meu corpo, de como ele é com todas as características que já tive problema, mas não me importam mais.

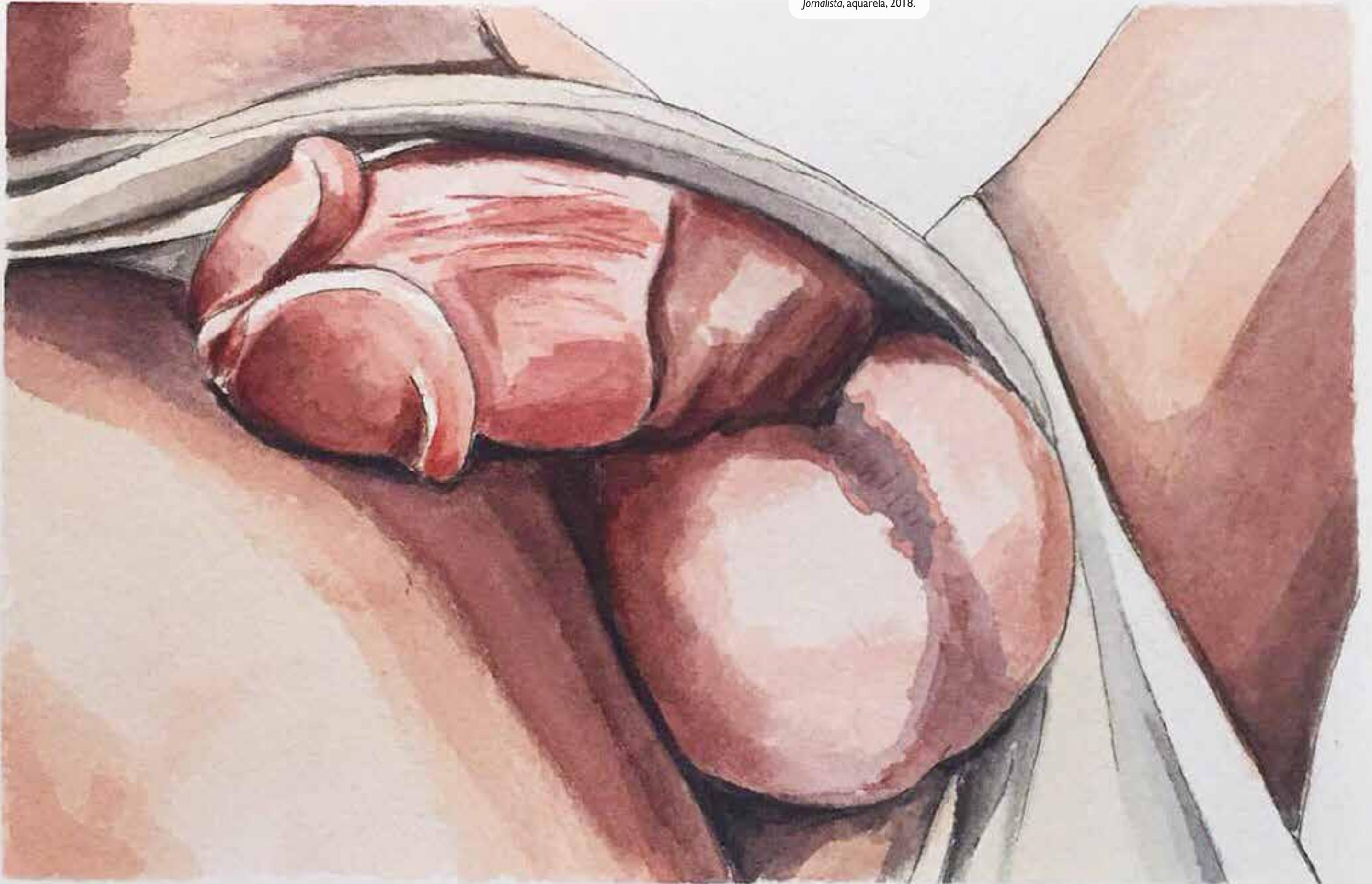


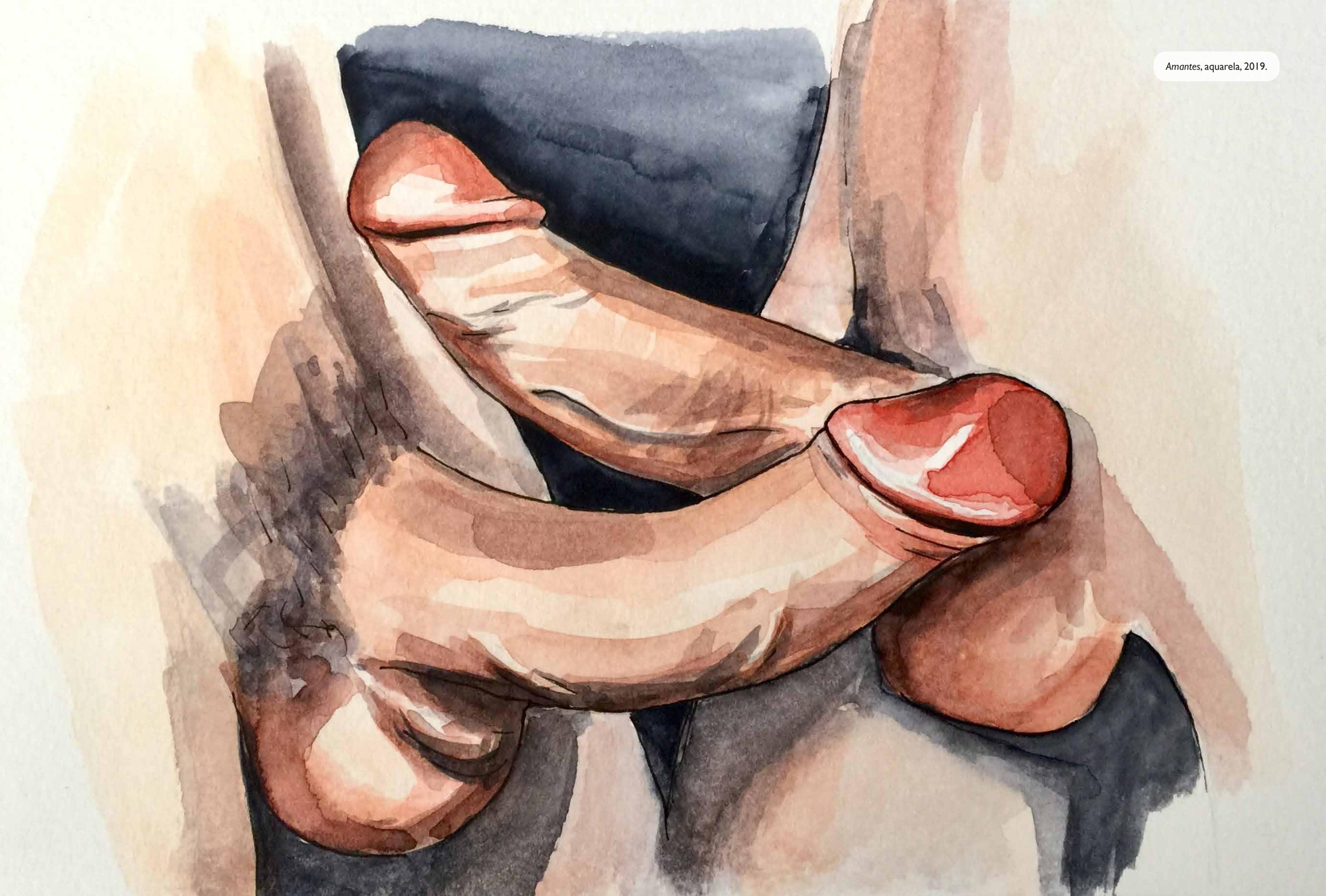
Construção social do pênis, aquarelas, 2018.



Impudico, aquarela, 2018.

Jornalista, aquarela, 2018.

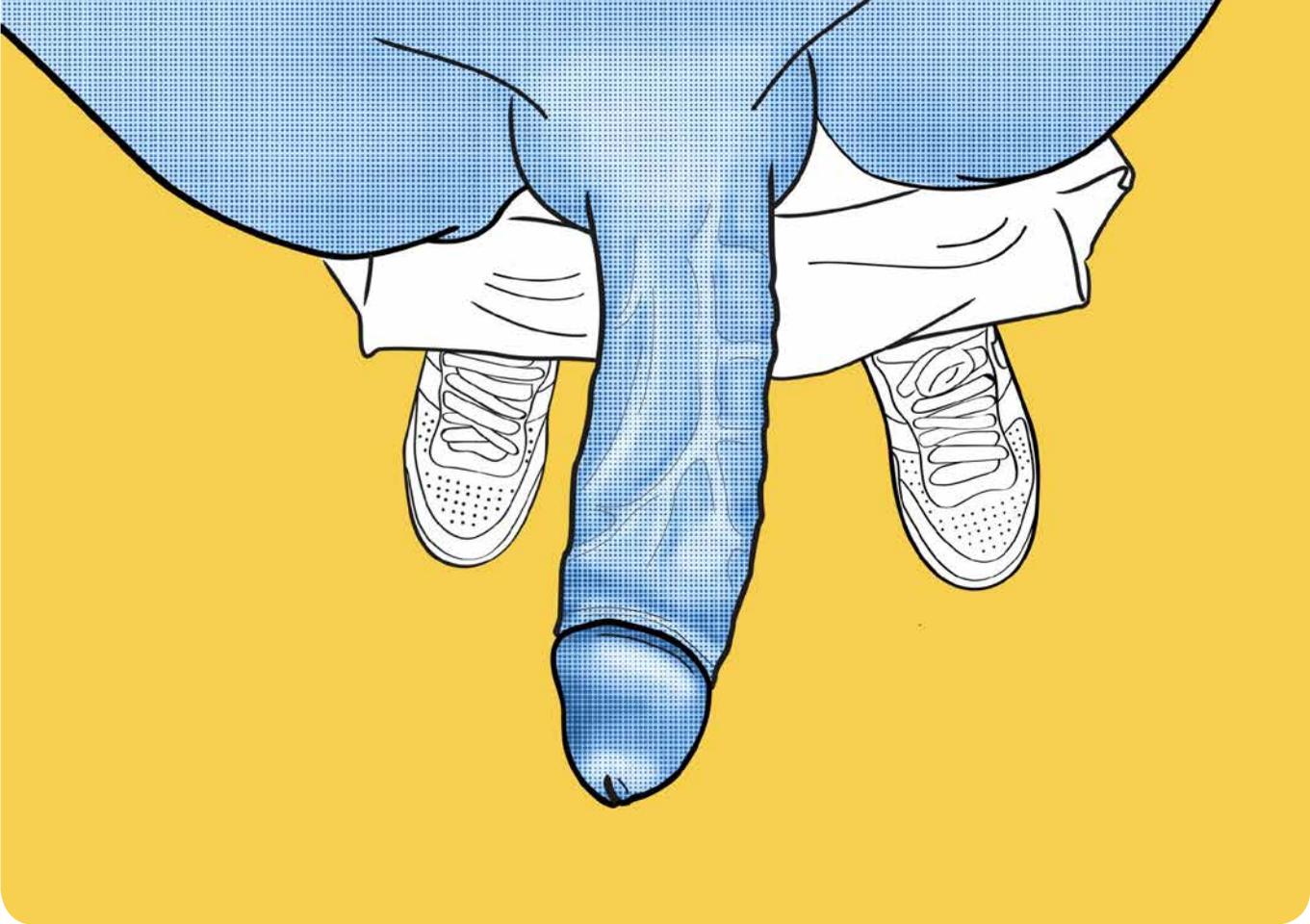




Inspirado por Tom of Finland, Harry Bush e Ismael Álvarez, Fefo testou várias técnicas, de ilustrações digitais à aquarela, onde melhor desenvolveu sua arte homoerótica figurativa. Acredita que este tipo de arte está sendo cada vez mais aceito (“causa as mais variadas reações, do desagrado ao encantamento”), porém, muito preciso ser feito em termos de divulgação. Lembra que ficou muito feliz quando um amigo emoldurou e pendurou uma de suas pinturas.

Para mim, o pênis é algo muito normal e acho que deveria ser assim. Por que tem que ser diferente de desenhar um rosto, um peito ou os pés?

Chuva, colagem digital, 2018.



Acima, Pitufo Bruno; abaixo: Pitufo Fefo, ambos em arte digital, 2016.



Um like para minha rola, aquarela, 2018.



UN LIKE PARA MI POLLA



Falo Fefo 1, 2 e 3, colagem digital, 2019.

Aos poucos, vai encontrando seu espaço através de temas que gosta de retratar, como, por exemplo, o fetiche por tênis (uma variação da podolatria). Com o desenvolvimento de um livro e a busca pela diversidade, Fefo diz que ainda está no processo de se reconhecer como artista e, para isso, segue o próprio conselho de criar livre de preconceitos. **8=D**



17+97, grafite lápis de cor, 2019.

Ar, óleo, 2020.



Foto: Guilherme Correa



Falo de História

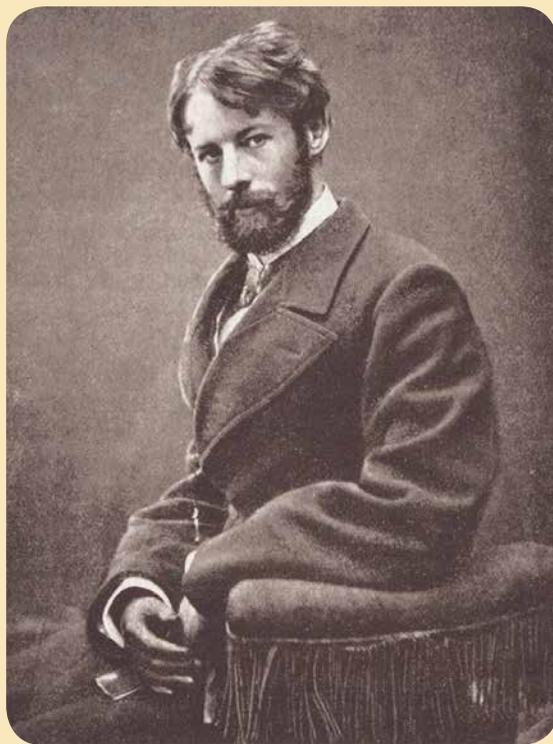
por Filipe Chagas

Wilhelm von Gloeden

1856-1931



Terra de Fogo, c. 1895. Uma das imagens mais famosas e republicadas de Von Gloeden, onde é possível ver o Vesúvio de Posillipo (Nápoles) a partir do terraço de Villa Barbaja, usado pelo fotógrafo e seu primo Wilhelm von Pluschow. O fundo do Vesúvio foi fortemente retocado, quase repintado, no negativo de vidro.



Autorretrato, 1891.

Filho de um oficial* que morreu quando ainda era uma criança, **Wilhelm Iwan Friederich August von Gloeden** (1856-1931) foi criado no norte da Alemanha por sua mãe, que se casou posteriormente com um político conservador e jornalista, amigo do kaiser Wilhelm I. Terminado o colégio da elite prussiana, Von Gloeden estudou História da Arte na Universidade de Rostock, mas logo depois abandonou o curso para estudar pintura em Weimar.

Em 1878, com 22 anos, mudou-se para Itália com a esperança de obter a cura para a tuberculose que contraíra e o deixara um ano acamado em um sanatório polonês. Esteve primeiro em Nápoles, onde encontrou seu primo “Guglielmo” Plüschow**, antes de seguir em definitivo para Taormina, uma pequena cidade litorânea da Sicília com antigas ruínas gregas. Ao conseguir restabelecer sua saúde, passou a chamar a cidade de “Paraíso na Terra”.

* O passado de Von Gloeden é considerado um mistério. Embora alegasse ser um Barão de Mecklemburgo, os herdeiros aristocratas da família Gloeden sempre insistiram que essa pessoa não existia nos registros: o baronato teria se extinguido em 1885 com a morte do Barão Falko von Gloeden. Acredita-se que Wilhelm fosse filho do engenheiro florestal Carl Hermann Gloeden (1820-1862) e sua esposa Charlotte Maassen (1824-1901).



** **Wilhelm von “Guglielmo” Plüschow** (1852-1930) foi um fotógrafo alemão que se mudou para a Itália e ficou conhecido pelas fotografias de garotos nus em Nápoles. Teve problemas com a lei por ser gay – chegou a passar oito meses na prisão por “sedução de menores” –, mas seus méritos artísticos foram reconhecidos. Geralmente, é considerado inferior a Von Gloeden, devido à pouca preocupação com a iluminação e algumas poses estranhas de seus modelos.

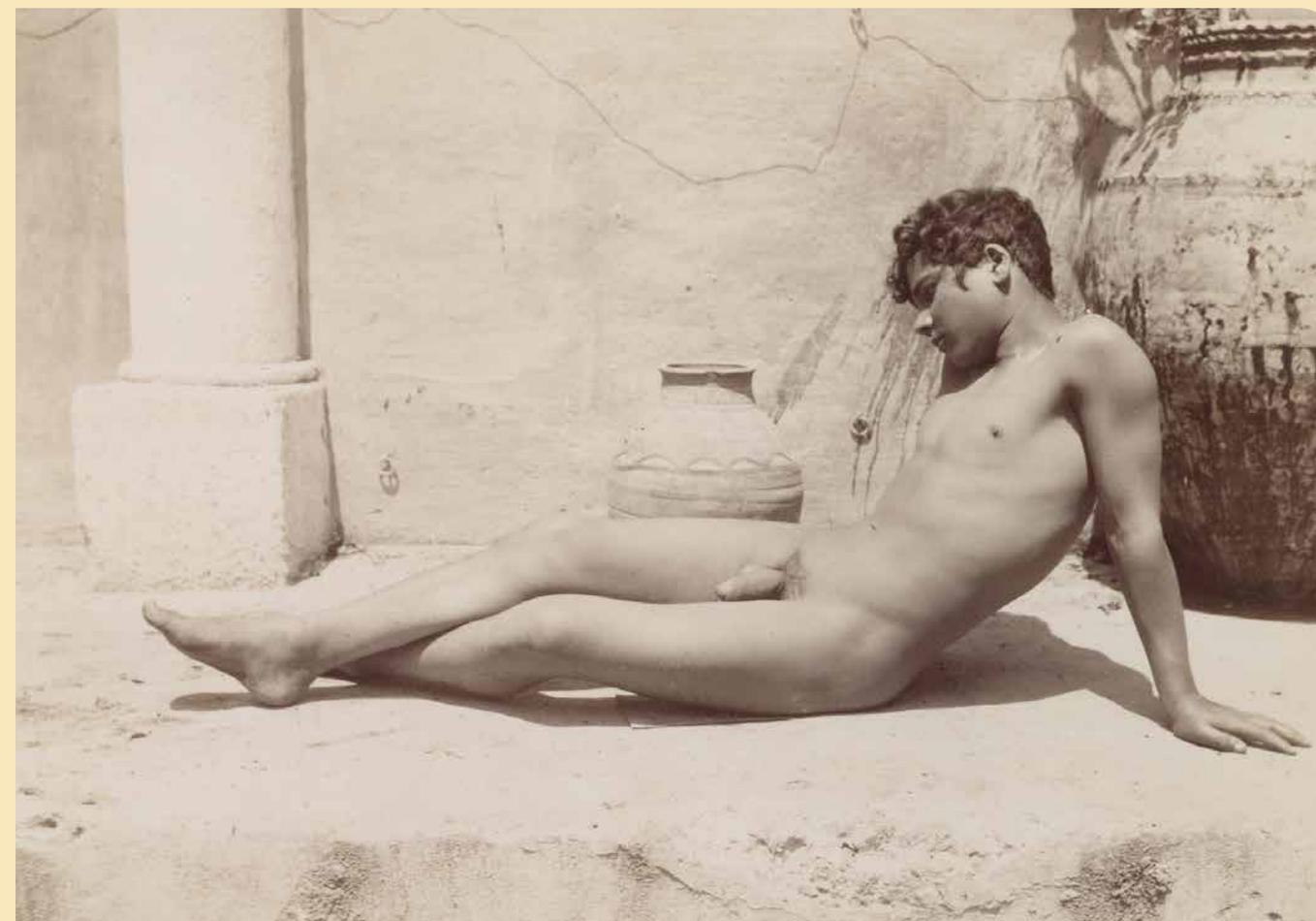
O músico (Retrato de Guglielmo Plüschow), foto de Von Gloeden, c. 1890.

Maravilhado pelas paisagens sicilianas e sobretudo pela beleza selvagem e bruta dos jovens camponeses, Von Gloeden se iniciou na fotografia, ajudado por seu primo, pelo prefeito da cidade – o pintor Otto Geleng – e pelos fotógrafos locais, Giovanni Crupi e Giuseppe Bruno. No início, ele vendeu cartões postais com paisagens, monumentos e pessoas, mas, dois anos depois, Von Gloeden já era famoso na região com suas fotos de meninos seminus com coroas de flores ou ânforas, inspiradas no ideal da Arcádia, o paraíso da Antiguidade Clássica.

As formas gregas me atraíam, assim como os descendentes em tons de bronze dos antigos helenos. Tentei ressuscitar a velha e clássica vida em imagens... Os modelos geralmente continuavam alegres, levemente vestidos e à vontade ao ar livre, acompanhando as flautas e as conversas animadas.

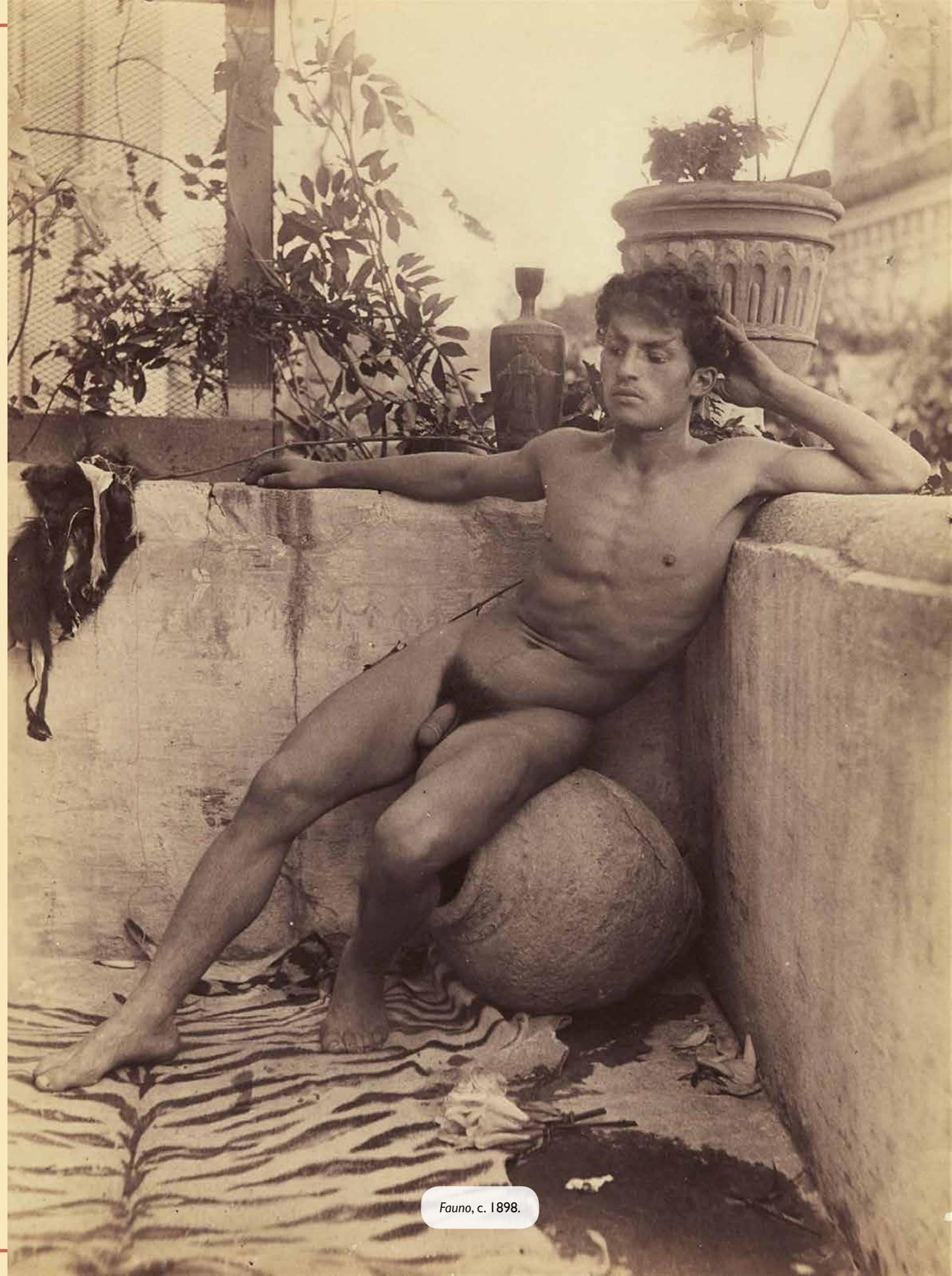
Von Gloeden em 1898.

Nu reclinado ao lado de vaso, s.d.





Nu masculina com vasos, s.d.



Fauno, c. 1898.



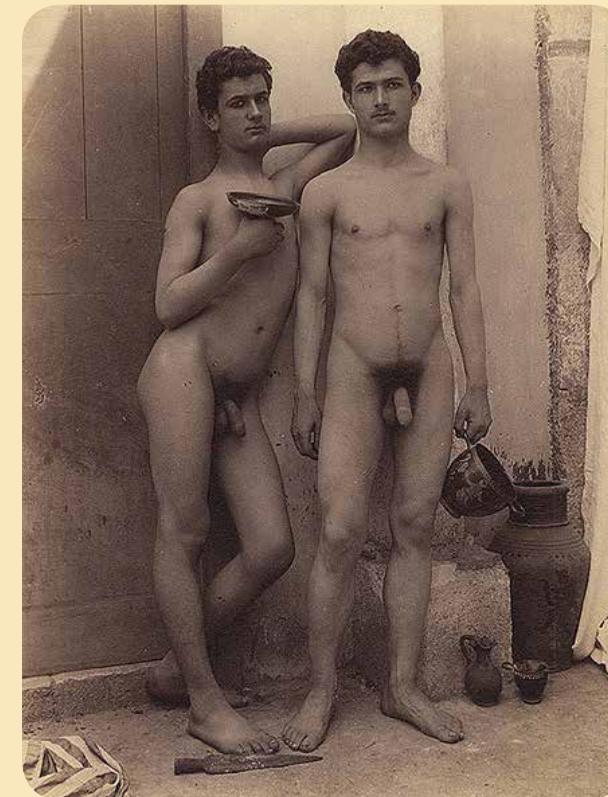
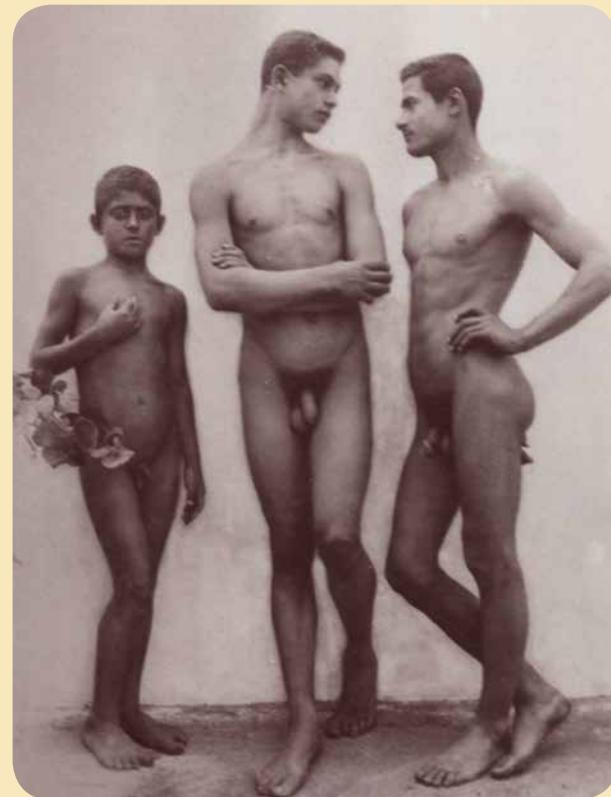
Acima: *Dois meninos nus, um segurando um tirsó e o outro usando uma bandana* (c. 1880) e *Dois jovens nus* (c. 1890).

Abaixo: *Retrato de dois meninos nus em um caminho de jardim* (c. 1900) e *As três graças* (c. 1900).

Sem o objetivo de servir ou para registro documental ou de guia para pinturas – como os exercícios de Muybridge e Eakins, por exemplo –, as fotografias de Von Gloeden foram consideradas os primeiros nus masculinos com objetivo artístico puro e simples. Fotos nas quais meninos com idades entre 10 e 20 anos e, ocasionalmente, homens mais velhos, estavam totalmente nus e que, devido ao contato visual ou físico eram mais sugestivos sexualmente, eram comercializados entre amigos íntimos do fotógrafo ou de forma clandestina. Contudo, não havia qualquer pornografia explícita.



Dois jovens à porta, c. 1890.



Acima: *Dois jovens em uma coluna* (c. 1900) e *Dois jovens conversando acompanhados por um menino* (s.d.).
Abaixo: *Lutadores* (c. 1885).

Acima: *Dois jovens nus* (c. 1890) e *Dois jovens segurando vasos gregos* (c. 1900).
Abaixo: *Jovens sicilianos nus* (c. 1890).



A falência de seu padrasto por conta de um escândalo político, fez com que Von Gloeden perdesse seu suporte financeiro e precisasse ser ajudado pela população local. Foi quando seu amigo de infância e grande admirador, o Grão-Duque Friedrich Franz III de Mecklemburgo-Schwerin, começou a comprar suas fotos como forma de ajuda. O colecionador também enviou uma câmera especial que melhorou a qualidade dos resultados e o fez buscar uma forma de profissionalização de seu trabalho fotográfico. Com o tempo, voltou a receber visitas da realeza (o Rei Eduardo VII da Inglaterra e o rei Alfonso XIII da Espanha), de nobres comerciantes (o industrial do aço, Frederick Alfred Krupp), fotógrafos e celebridades (o escritor Oscar Wilde e o compositor Richard Strauss).

A excelente fotografia de Von Gloeden era publicada em revistas (como a National Geographic) e aparecia em exposições de Arte internacionais (Londres, Cairo, Nice, Filadélfia, Berlim, etc.), uma vez que se tornou referência na fotografia ao ar livre com uso de filtros e transparências; inclusive, em 1899, a Sociedade Fotográfica de Berlim o convidou para palestrar sobre o tema*. Seu olhar neoclássico para o nu masculino foi também revolucionário, bem como a maquiagem corporal especial (uma mistura de leite, azeite e glicerina) que usava para destacar a iluminação e reduzir manchas na pele.

*Vale lembrar que a primeira fotografia foi reconhecida em 1826, pouco mais de 60 anos antes do trabalho de Von Gloeden, ou seja, tudo relativo ao universo fotográfico era considerado inovador.

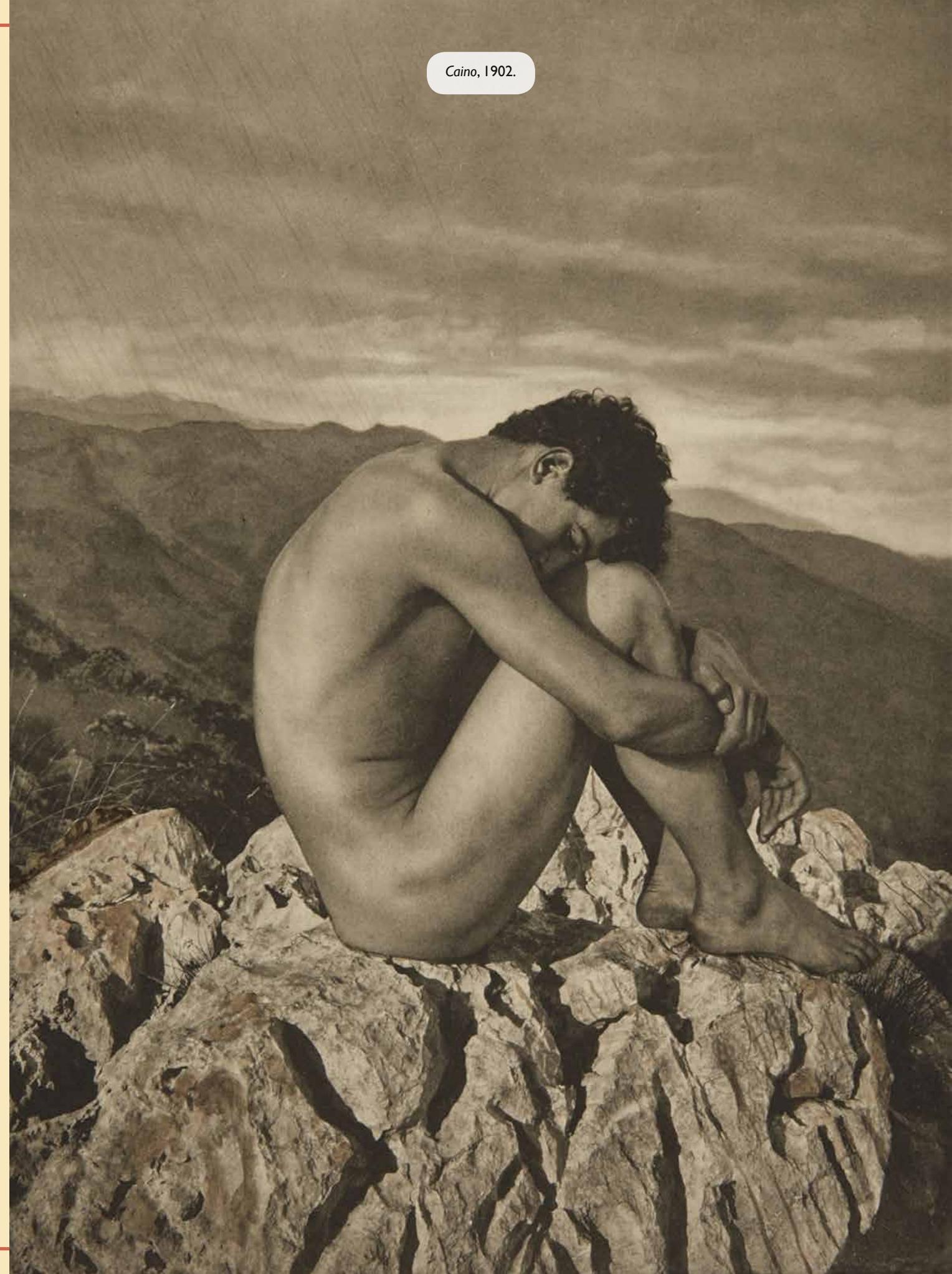


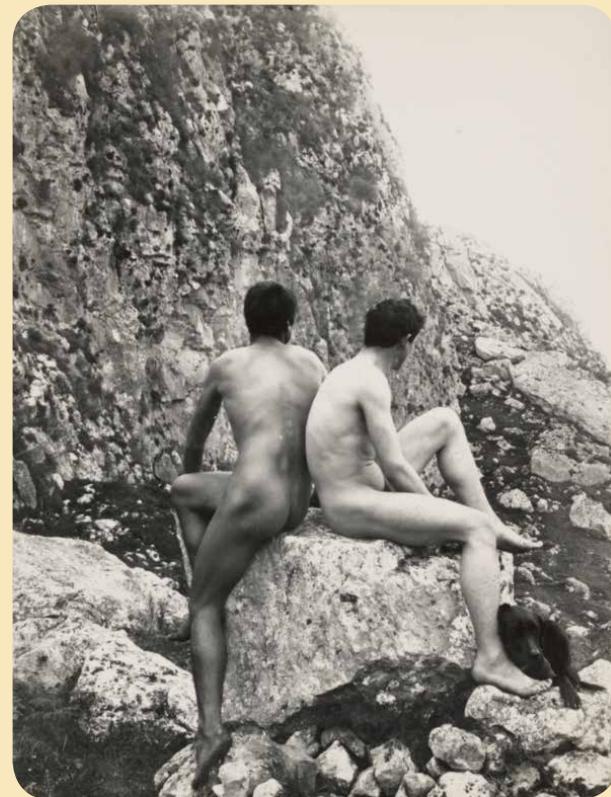
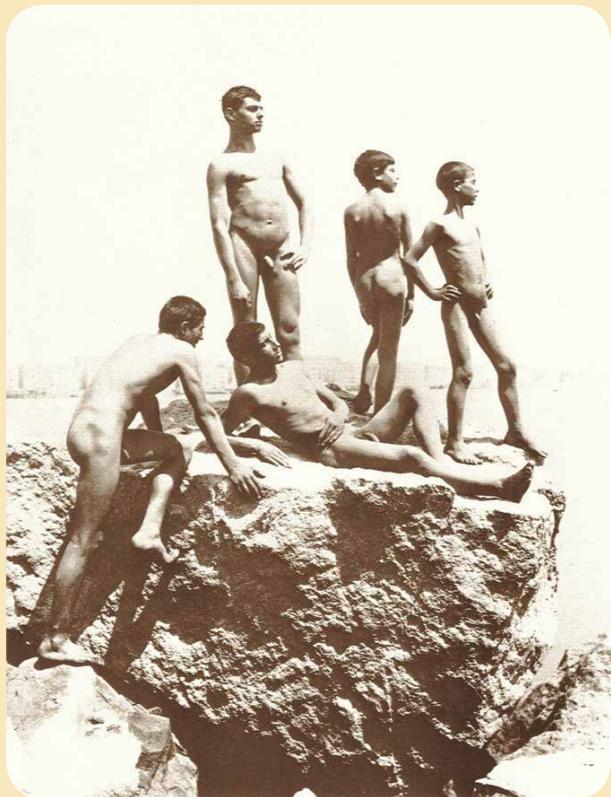
Dois jovens na praia, c. 1890.



Dois homens nus no litoral, c. 1895.

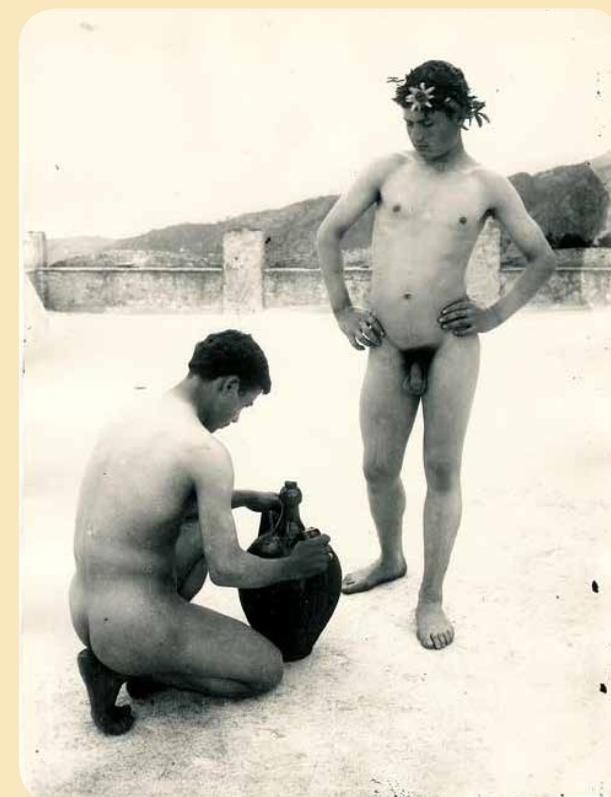
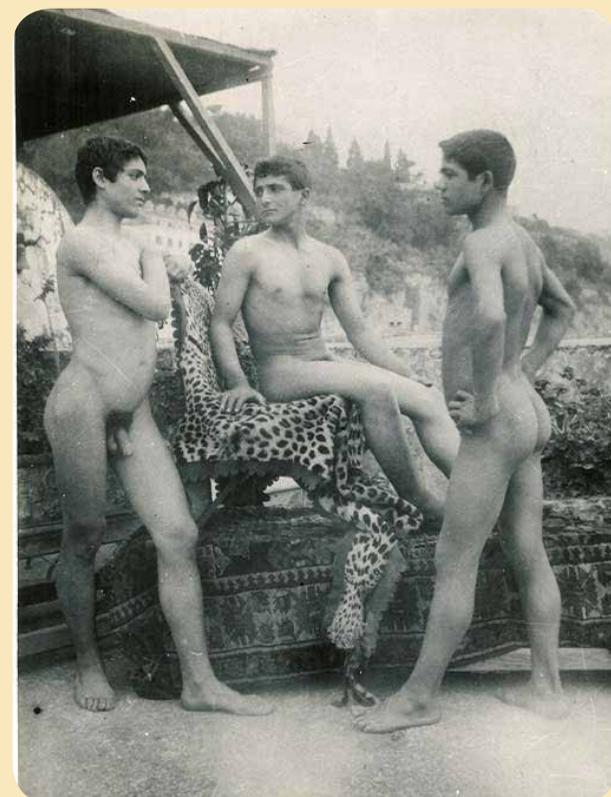
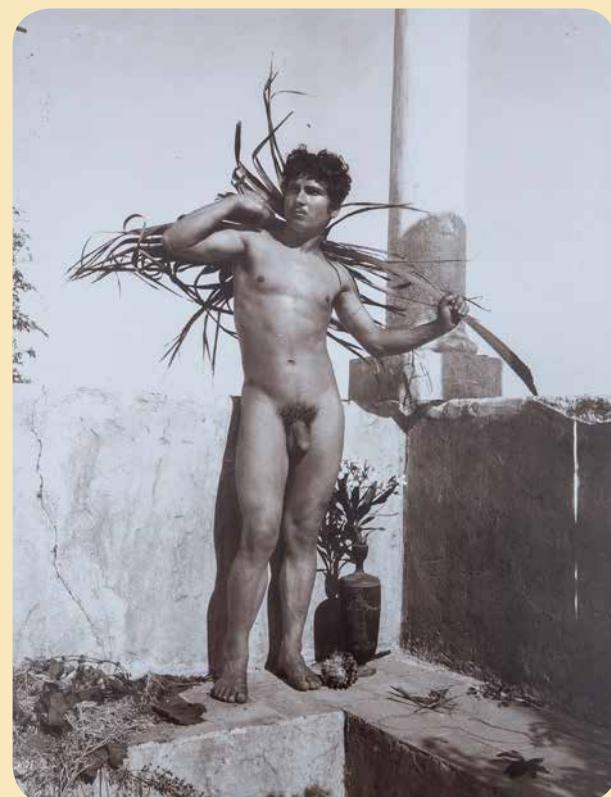
Caino, 1902.



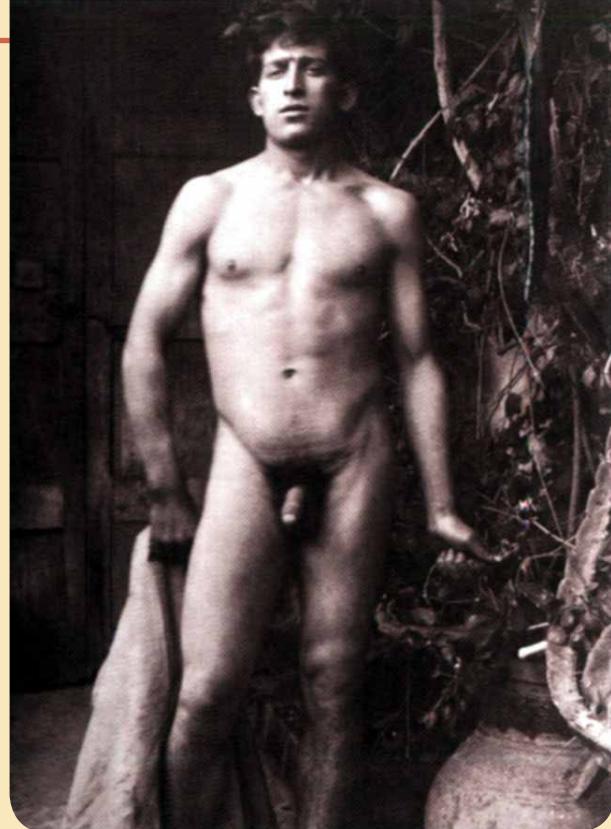


Acima: *Garotos napolitanos ao mar* (c. 1895) e *Dois jovens nus ao mar* (c. 1890).
Abaixo: *Homens nus no jardim* (c. 1890) e *Jovem nu e coluna* (c. 1890).

Acima: *Dois jovens nus na pedra* (c. 1885) e *Garotos napolitanos à beira-mar* (c. 1880).
Abaixo: *Três jovens nus* (c. 1890) e *Dois meninos nus, um com ânfora e o outro com coroa de flores de maracujá* (c. 1895).



Apesar da atmosfera homofóbica da época, acredita-se que os habitantes toleravam as fotografias – e as orgias que viravam a madrugada – de Von Gloeden porque ele pagava os modelos e dava os devidos créditos a eles. O dinheiro permitiu que muitos jovens iniciassem negócios, adquirissem barcos para seus sustentos, ou buscassem educação na cidade. Muitas famílias taorminesas devem seu atual nível de prosperidade a um avô ou tio-avô que foi modelo de Von Gloeden. Além disso, suas fotografias da paisagem local e o registro documental dos danos causados pelo terremoto de 1908 em Messina ajudaram a popularizar o turismo na Sicília.



Acima: *Nu masculino acadêmico*, c. 1895.
Ao lado: *Dois garotos nus em Villa Barbaja, Nápoles*, c. 1890.
Abaixo: *Um jovem nu de Abruzzo*, c. 1890.



Homem nu com cajado e crucifixo, c. 1885.



Encantador de serpente, c. 1890.



Jovem nu deitado, 1899.

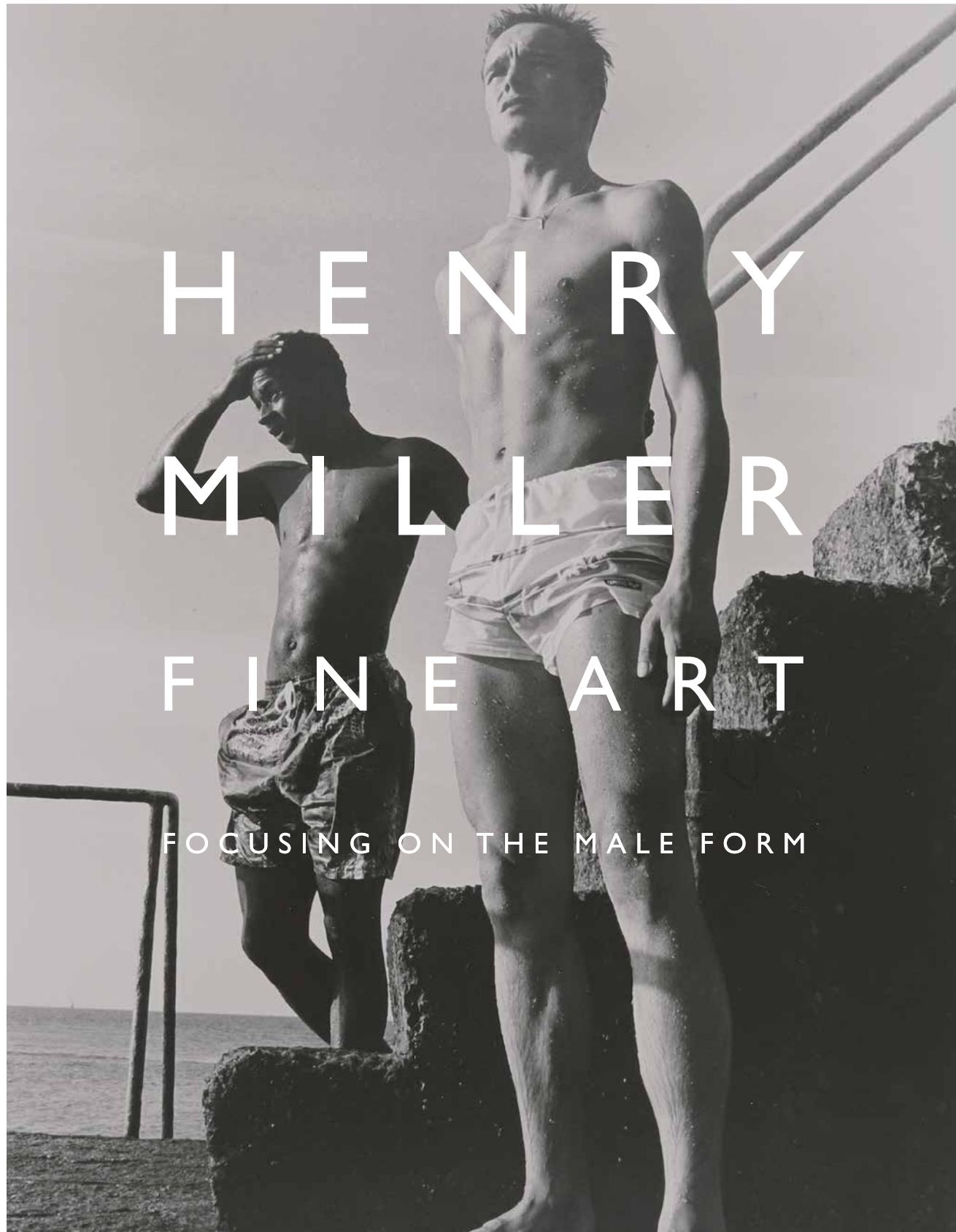
Com a entrada da Itália na Primeira Guerra Mundial, Von Gloeden viu-se obrigado a deixar a casa que vivia com sua irmã Sofia e seu assistente Pancrazio Buciuni (*Il Moro*)*. Muitos de seus modelos perderam a vida durante a guerra e sua utopia arcadiana perdeu o encanto, fazendo com que a procura por seus trabalhos reduzisse. Regressou a Taormina após a guerra e se manteve produtivo.

Il Moro herdou mais de 3.000 fotografias tiradas pelo fotógrafo, quando este veio a falecer em Taormina. Ele as mantinha guardadas como lembrança e se recusava a vendê-las. Todavia, a maioria se perdeu quando, em 1936, a polícia de Mussolini destruiu mais de 2.500 fotografias e negativos e prendeu *Il Moro* sob alegação de pornografia – que conseguiu reverter com um discurso sobre o entendimento da Arte. O trabalho de Von Gloeden foi redescoberto na década de 1970 e nunca mais esquecido. **8=D**



* A história de Pancrazio Buciuni está atrelada a de Von Gloeden. Com 14 anos foi contratado para ser um dos serviços da mansão do barão. De pele escura e olhos grandes, foi chamado por Wilhelm de *Il Moro*, “O Mouro” e caiu em suas graças e afetos. O rapaz cuidava pessoalmente da saúde do fotógrafo e organizava os encontros noturnos com jovens locais. Os laços eram tão estreitos que, mesmo na fêlência, *Il Moro* permaneceu ao lado de Von Gloeden e, afastados durante a guerra, o rapaz manteve os pertences do fotógrafo organizados.

Falo em Foco



HENRY

MILLER

FINEART

FOCUSING ON THE MALE FORM

WWW.HENRYMILLERFINEART.CO.UK +44(0)20 85092044
HENRY@HENRYMILLERFINEART.CO.UK (0)7769 700290



Nu masculino sentado, carbão preto e vermelho de Nommie Durell, c.1938.

A história da cueca

por Filipe Chagas e Marcos Rossetton

Reza a lenda que no século 3, após uma grande descoberta, o físico, matemático e inventor Arquimedes saiu correndo pela cidade apenas de roupas íntimas gritando “Eureca!”, mas muitos entenderam que aquele senhor maluco estava gritando “Cueca!” e, assim, o termo foi criado*.

* Hoje acredita-se que a palavra “cueca” deriva do latim vulgar “culus” (ânus) e do grego “eco” (casa).

Ah... a cueca! A vestimenta masculina que acomoda a genitália do homem vai além de um simples traje de proteção. Passou por adaptações ao longo do tempo conforme as necessidades de quem a vestia, que, ao contrário do que pensam a maioria, nunca foram sempre as mesmas. Dessa maneira, o homem do passado acomodava seus “documentos” em diferentes modelos, nomes e materiais para sua confecção.

Cueca é evolução e percurso da humanidade: ela é manifesto. Como fetiche, por exemplo, ela transita de objeto de desejo a produto gastronômico (alimento, literalmente), em modelos exclusivos, mais originais e ousados. Credo! Que delícia! Quanta coisa em uma cueca!

Mas será que cabe tudo dentro? Afinal, o que a história da cueca esconde? Vamos voltar um pouco ao passado, pois a cueca está também “recheada” de cultura!



AS PRIMEIRAS CUECAS

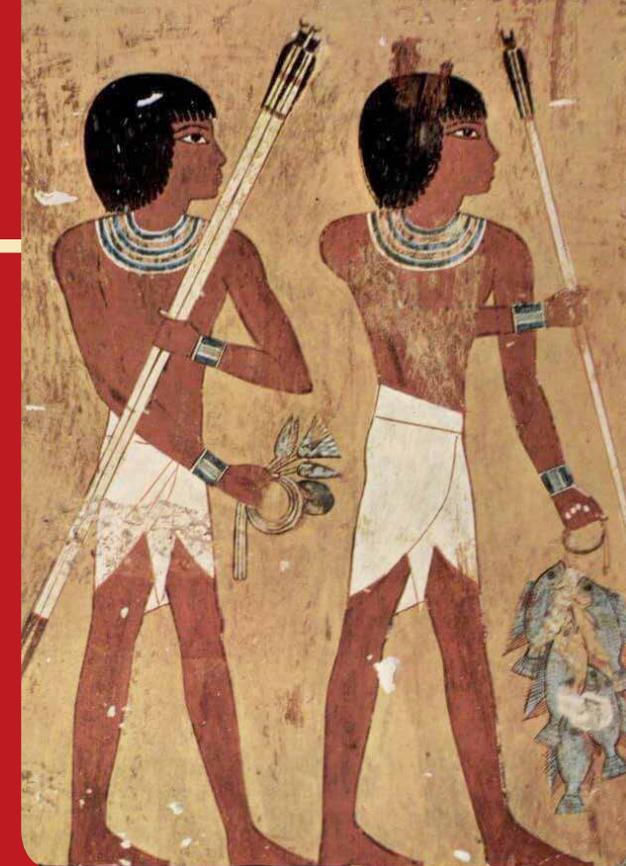
Segundo a religião católica, Adão foi o inventor da cueca já que, após comer o fruto proibido, teria percebido que estava nu e usou uma folha de figueira para esconder suas partes íntimas*. Todavia, descobertas arqueológicas confirmaram que o homem pré-histórico usou um pedaço de pele de animal amarrado em volta dos quadris (o primeiro registro arqueológico de algo cobrindo o corpo data de 3.300 a.C., foi encontrado nos Alpes protegendo o baixo ventre de “Ötzi, o homem de gelo”). É possível que isso tenha começado a acontecer por volta de 1,5 milhões de anos atrás quando houve perda dos pêlos corporais e a genitália masculina dos *Homo erectus* começou a se externalizar.

Em diversas civilizações, assim como muitas tribos na África, essas “tangas pré-históricas” vestiram o homem por séculos, evoluindo em material. Sabe-se que no Antigo Egito, um longo triângulo de linho com tiras nas pontas era amarrado ao redor dos quadris e laçado por entre as pernas; depois, com as tiras, era amarrado novamente nos quadris (*chanti*). O rei Tutancâmon, falecido em 1324 a.C., foi enterrado com dezenas de tangas de seda muito bem elaboradas.

Esse modelo perdurou pela civilização ocidental a partir de Roma, sendo linho o único material lavável. Com as invasões bárbaras, houve o contato com as *braies*, um tipo de calção longo usado pelas tribos celtas e germânicas feitas de couro ou lã, que era amarrada no joelho ou nas panturrilhas. Elas foram, então, adotadas pelos romanos e chamadas de *braccae*, para proteger o corpo ante o metal áspero das armaduras medievais, depois que um armeiro inventou “cuecas de aço” e causou desagradáveis acidentes. Podemos usar de licença poética para dizer que era a ancestral das ceroulas** que conhecemos hoje.

* Leia mais sobre a folha de figueira na sexta edição.

** Carece de informações precisas, porém, diz-se que as ceroulas foram inventadas no século 13 por Leonardo da Vinci.



Acima, os *chantis* egípcios; abaixo, as *braies*.





Codpiece no Retrato de Pier Maria Rossi di San Secondo (óleo sobre tela de Parmigianino, 1538) e na armadura de Fernando I do Sacro Império Romano-Germânico (1549).



Foi durante a Renascença que surgiu uma peça revolucionária e curiosa que precisamos conhecer: o *codpiece** dos lordes ingleses – ou a *braguette* dos refinados franceses. Era como uma bolsa na parte frontal das calças masculinas – que eram, na verdade, duas meias bem justas que iam até a virilha, sem acomodações para a genitália** –, presa por laços, botões, alfinetes ou grampos. Além de dar espaço e facilitar a ida ao banheiro, a peça mudou a moda entre os séculos 14 e 16: os longos coletes usados para esconder a ausência de tecido na região puderam ser encurtados.

Com o passar do tempo, as peças foram moldadas e acolchoadas para expor a virilidade masculina, enfatizar o pênis ao invés de escondê-lo. Até mesmo armaduras de cavalaria receberam essa peça do vestuário para garantir mais espaço e proteção. Entre 1540 e 1560, chegou-se a projetar um modelo para segurar o pênis em uma posição que insinuava que ele estava ereto constantemente. Era suporte para pequenas joias e pequenos pertences... literalmente, guardavam-se ali os documentos, ou seja, tamanho era documento!

A partir do século 18, a Revolução Industrial trouxe novas invenções – como a máquina de fição, de tecelagem e de costura – para incrementar a confecção de roupas em série. Flanela e algodão tornaram-se populares para as roupas íntimas a partir da década de 1830, especialmente nas cores cinza e vermelho.

* *Codpiece* vem de *cod*, inglês medieval para “escroto”. O termo francês *braguette* gerou a palavra “braguilha”, que é também o termo usado para a abertura à frente das calças – e até cuecas – que se costuma fechar com botões ou zíper. Em Portugal, a peça foi chamada de “porta-pênis”, uma vez que acomodava o falo da terra de Cabral, ora pois!

** Hoje ouvimos a expressão “par de cuecas” por causa dessa composição de duas pernas unidas pela cintura que era chamada de “par de roupa íntima”.

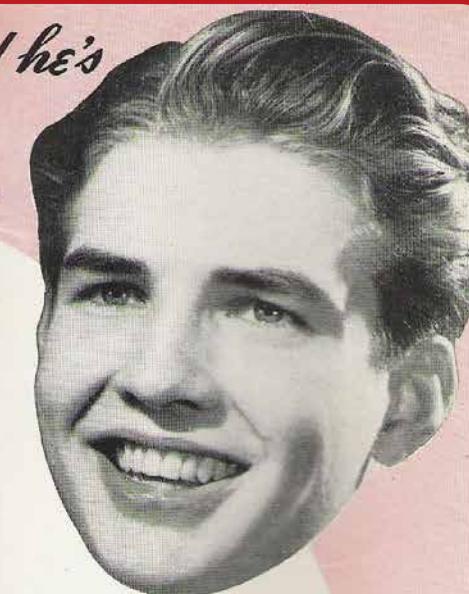
He looks to you...and he's your responsibility

SUPPORTER WILT IS DANGEROUS!

● No coach is interested in just *part-time* protection for his athletes. Full protection *every playing moment* is essential. And that means proper equipment starting with a comfortable, effective non-chafing supporter.

For these important reasons Bike is chosen by most coaches to support *all* their teams. Bike's special *non-wilt* features assure the kind of support every athlete needs—dependable, long lasting, comfortable. The finer materials in Bike guarantee it. And Bike's two famous numbers, 5 and 55, alone in the athletic goods field use famous “Lastex,” the miracle yarn.

For full protection... for lasting support... equip your men with Bike Nos. 5 or 55, the supporters worn by more athletes than any other make.



BIKE quality assures dependable, lasting support

Bike Nos. 5 and 55 offer these important non-wilt features



1. “LASTEX, THE MIRACLE YARN THAT MAKES THINGS FIT.” *Bike Nos. 5 and 55* alone in the athletic goods field use “Lastex yarn.” The greater uniformity of a cross section of “Lastex” assures longer life.

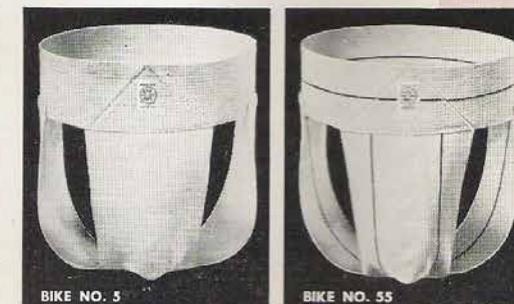


2. NO SIZING TO CAUSE WILT FROM REPEATED LAUNDERINGS. Every *Bike* pouch is full size for maximum wear and comfort. No skimping of materials to cause binding.



3. TEST BIKE YOURSELF FOR ELASTICITY, FOR STRENGTH. No sizing or filler assures *Bike's* greater elasticity and longer life.

PRE-SHRUNK! All *Bike* elastic is pre-shrunk in a special solution, then carefully dried without tension. Another reason why *Bike* gives long-lasting comfort and protection—can take hard use and extra washings.



BIKE 5 and 55 SUPPORTERS

SALES AGENTS: A. S. Callaway & Co., 306 Broadway, New York • Martin & Martin, 5 South Wabash Avenue, Chicago • McDonald & Billmire, 604 Mission Street, San Francisco • John H. Graham & Company, Inc., 105 Duane Street, New York • H. B. Hughes, 1209 N. Edgefield Ave., Dallas

BIKE WEB MANUFACTURING COMPANY DANA E. MORRISON, President, 41 West 25th Street, Chicago

Em 1820 foi desenvolvido um tipo de suspensório escrotal para melhor acomodar a genitália dos jogadores sobre a sela dos cavalos. Esse foi o primeiro suporte atlético, ou seja, a primeira *jockstrap*, que só ganhou o formato que conhecemos hoje em 1874, quando as práticas do ciclismo em ruas de paralelepípedo pediram maior proteção dos testículos.

A partir de então, a roupa íntima masculina passaria por vários ajustes em sua modelagem, ressaltando a contemporaneidade.

Propaganda de jockstrap que garante a “qualidade do ciclista”, 1941.



PLURALIDADE CONTEMPORÂNEA

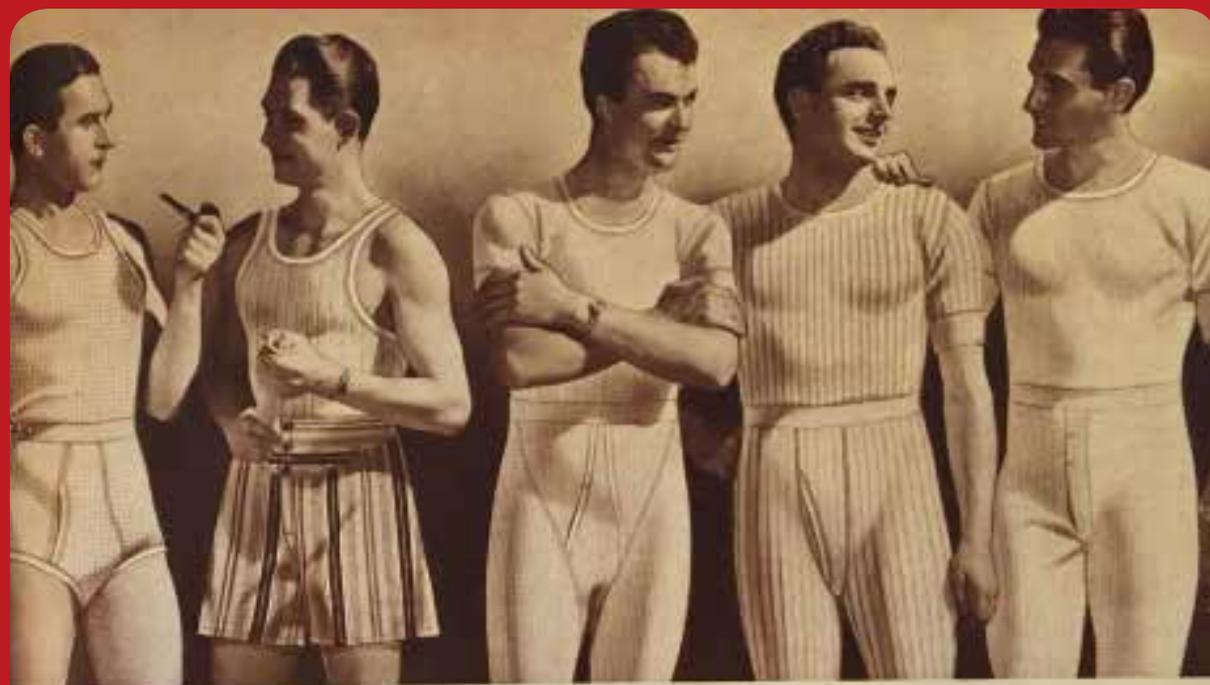
Na primeira década do século 20, uma espécie de macacão de malha passou a ser usado como roupa íntima masculina. Alguns modelos tinham abertura nas nádegas em forma de D, presa com botões ou que se mantinham mais ou menos fechadas devido à sobreposição dos tecidos, mas tinham a desvantagem de serem muito quentes no verão.

Surgia também a publicidade de roupa íntima masculina. Pinturas a óleo do americano J. C. Leyendecker retratavam homens com seus macacões ou com os shorts com botões na braguilha e cintura elástica (*boxers*) que foram comuns durante a Primeira Guerra Mundial.



Retrato de Charles Beach, ilustração de J. C. Leyendecker.

Abaixo: anúncio de cuecas da década de 1940. Na próxima página: anúncio de cuecas da década de 1970.



| | | | | |
|--|--|--|--|--|
| <p>Shorts: Fine quality. Cotton. Round-bottom. Heavy bottom welt. Side tie straps. Assured support. Waist sizes 30 to 42 in. 23-583—Pair 55c</p> | <p>Shorts: Fine quality. Cotton. Round-bottom. Heavy bottom welt. Side tie straps. Assured support. Waist sizes 30 to 42 in. 23-583—Pair 55c</p> | <p>Shorts: Fine quality. Cotton. Round-bottom. Heavy bottom welt. Side tie straps. Assured support. Waist sizes 30 to 42 in. 23-583—Pair 55c</p> | <p>Shorts: Fine quality. Cotton. Round-bottom. Heavy bottom welt. Side tie straps. Assured support. Waist sizes 30 to 42 in. 23-583—Pair 55c</p> | <p>Shorts: Fine quality. Cotton. Round-bottom. Heavy bottom welt. Side tie straps. Assured support. Waist sizes 30 to 42 in. 23-583—Pair 55c</p> |
|--|--|--|--|--|

A história da vestimenta foi revolucionada após a Segunda Guerra Mundial: começavam a indústria da moda e a cultura do consumo. As mulheres – que haviam sido imprescindíveis no mercado de trabalho durante a guerra – estabeleceram um novo status quo social que afetou a masculinidade como um todo. A roupa íntima passou a ser uma questão não só de conforto e prática, mas também de estética e estrato social.

O jeans substituiu as tradicionais calças de tecido no cotidiano e os modelos de short como roupa íntima perderam espaço, pois enrolavam nas coxas. O formato Y da roupa íntima feminina chegou para a roupa masculina, emulando as sungas esportivas, e dominou o

mercado como modelo *slip*. Uma vasta gama de cores, padrões geométricos, estampas e modelos mais curtos sem braguilha surgiram em anúncios publicitários que satirizavam os modelos antigos (como a samba-canção) e precisavam atingir o homem pós-guerra.

Na década de 1970, boxers mais justas voltaram a ser opção de formato, enquanto sungas diminuía e traziam a tanga de volta ao universo das cuecas. O corpo atlético dos homens e a presença de celebridades passaram a ser utilizados para inserir poder e sensualidade nas propagandas. Slogans marcantes de marcas emblemáticas fizeram história e mexiam com a gente! Cueca virou moda!

Famoso anúncio da CK com Mark Wahlberg em 1992.

Em ensaios fotográficos é corriqueiro vermos o protagonismo desse pequeno traje, roubando a cena e dimensionando volumes e formas de tirar o fôlego! Vale observar as composições de imagens, com recheios salientes, cuecas em cores contrastantes aos tons de peles, pêlos e pentelhos de seus modelos, tornando-a uma joia preciosa. O falo é evidenciado em uma cueca bem resolvida, escolhida a dedo onde a sensualidade, a erotização atinge sua melhor expressão. Alguém aí lembrou do *codpiece*?

Claro que velar, acobertar, camuflar ou mesmo esconder provoca e desperta curiosidade e pode trazer mais erotismo – o que, no caso da cueca, expande sua imagem e função e torna seu papel sobre o vestir mais amplo e fundamental! –, porém, designers e estilistas – como o pioneiro Calvin Klein – descobriram ainda nos elásticos

ao redor da cintura soluções de marketing para exposição de marcas, um espaço estratégico de diferenciação de produto e fidelização de mercado, uma assinatura para a moda masculina.

Não podemos esquecer na essência, que a cueca é uma peça do vestuário e, portanto, ao longo do tempo se adequa a questões sociais e comportamentais. Assim, no século 21, vemos a indústria do vestuário se adequando ao homem trans para que esse público se sinta confiante e potencialize sua autonomia em sua intimidade. O diferencial das modelagens está na cavidade frontal onde é inserido o *packer* (espécie de pênis e/ou consolo de borracha) que cria não só o volume, mas também dá mais segurança emocional e entendimento do próprio corpo masculino.

Portanto, sugerimos aqui uma pequena adaptação na famosa frase “diga-me com quem tu andas que direi quem tu és!”: diga-me qual cuecas vestes e direi o que tu desejas! **8=D**

Cueca com cavidade frontal para *packer* ou coquilha.

MODELOS

Estilistas costumam indicar modelos de cueca para tipos específicos de corpo, mas que fique claro: cueca não tem “dress code”! Escolha a que te faz bem, te faz se sentir sexy e confortável. Algumas dicas, contudo, são bem interessantes.

Pra quem está acima do peso, por exemplo, todo modelo é passível de uso, mas vale ter atenção às cores (cores mais claras passam a impressão de um volume maior, não só do pênis, mas do corpo como um

todo) e aos elásticos (quanto mais apertado, mais gordurinhas acentuadas). A sugestão é procurar modelos plus size ou tentar um tamanho acima. Essa dica do tamanho acima também pode oferecer conforto.

Atenção também às costuras, pois elas determinam formas e até os volumes (sim, existem cuecas com suporte interno, ou bojo): reza a lenda que modelos sem costura são extremamente confortáveis.

Slip

É o modelo de referência para o que se chama de cueca hoje. O formato em Y (com elástico na virilha e sem tecido nas coxas) dá maior sustentação ao órgão genital masculino ao mantê-lo numa posição fixa e separado das coxas, e garante maior liberdade de movimento, tornando-se ideal para a prática esportiva. Alguns médicos dizem que os modelos mais justos forçam os testículos contra o corpo e isso aumenta a temperatura local, afetando a produção de espermatozoides.

O modelo *slip* tradicional tem uma abertura na frente feita com sobreposição de tecidos sem fechamento por botão para que se possa ir ao banheiro fazer xixi sem tirar toda a cueca (também chamado de *bolso canguru*). Diz-se que essa abertura foi pensada para destros e, por essa razão, a sobreposição de tecidos faz com que a abertura fique do lado esquerdo para facilitar a retirada do pênis. Isso pode ter influenciado a forma como o homem posicionou o pênis durante décadas: para a esquerda. Hoje os modelos tem corte semelhante às sungas sem abertura, portanto, o posicionamento do pênis ficou livre, já que ele é usualmente tirado por cima.

É um modelo indicado para qualquer tipo de corpo, porém, por deixar as coxas totalmente à mostra, proporciona um alongamento visual das pernas e favorece os homens baixos ou com tronco comprido. Como não marca debaixo das calças, tem bom uso com roupa social e ou calças mais justas.



Boxer e Samba-canção

Durante a Primeira Guerra Mundial surgiram os primeiros shorts com botões e cintura elástica para serem usadas sob os pesados uniformes. Com o tempo, novos modelos foram patenteados com botões menores para maior conforto e acessibilidade. Acredita-se que o nome *boxer* tenha duas fontes: o formato quadrado (“caixa”) do modelo e ter sido inspirado nos calções dos boxeadores. Já o nome *samba-canção* foi um apelido pejorativo de quando o estilo musical já estava fora de moda (por volta da década de 1950).

O modelo chamado hoje de *boxer* é justo ao corpo. Não marca por baixo da roupa, mas costuma embolar nas pernas se a calça for muito justa ou se as coxas forem muito grossas, formando uma marcação horizontal no início da coxa. Por dar um efeito de encurtamento das pernas ao dividir a coxa visualmente na metade, acaba sendo mais indicado para pessoas altas. Porém, diversas pesquisas dizem que esse é o modelo mais adquirido e preferido tanto por homens quanto por mulheres. Tem que ser comprada do tamanho ideal: menores ficam muito apertadas e maiores ficam muito soltas.

As cuecas *samba-canção* são para quem procura conforto extremo e usa roupas mais soltas, uma vez que é quase certo de ficar completamente embolada em roupas muito justas. Hoje esse modelo tem sido usado mais como pijama. Estilistas indicam para pessoas acima do peso ou com coxas muito grossas.

Existem também as chamadas *midway briefs*, um modelo de *boxer* que cobre toda a coxa até o joelho, lembrando os novos modelos de roupa para natação competitiva. São bons para quem tem coxas grossas, pois dá um visual alongado, reduz a chance de embolar e suaviza o atrito entrecoxal (ideal para práticas esportivas). É indicado para homens altos, mas deve ser evitado por quem tem coxas finas, pois vai destacar a magreza.



Sunga

É a vestimenta usada por homens para banhos públicos em praias, piscinas e termas ou saunas. Para competições esportivas, a *sunga** é bastante justa e feita de materiais que proporcionem melhor aerodinâmica, sejam resistentes ao calor e de secagem rápida.

Na antiguidade clássica e na maioria das culturas, o banho público era nu. Ao longo da Idade Média o banho público foi sendo desencorajado e, no século 18, a natação era considerada de moralidade duvidosa e tinha que ser justificada por motivos de saúde. No fim do século 19, o traje de banho era completo: short e regata em peça única feita de malha chamada *maillot* (“malha”, em francês). Somente no início do século 20, a natação passou a ser considerada uma atividade legítima de lazer ou passatempo, com os decotes nas costas ficando proeminentes. Nos anos 1930, o torso masculino foi exposto e ficou só o short – usualmente chamado de *swim brief* (“calção de nado” ou “calção de banho”).

Em 1956, durante as Olimpíadas de Melbourne, a empresa estadunidense *Speedo* tirou as pernas e baixou o cós dos calções de banho, criando o formato em Y hidrodinâmico que dominou o mercado esportivo da natação, invadiu os balneários e influenciou as modelagens de roupa íntima masculina. Em alguns lugares do mundo, *speedo* é o nome da vestimenta.

Na década de 1970 os modelos foram ficando cada vez mais cavados e diversos materiais foram usados, inclusive, ganhou um forro interno para evitar transparências. A lateral ficou tão estreita que foi chamada de *tanga*, comparada às primeiras vestimentas íntimas dos homens.

A partir da década de 1990, o modelo deixou de ser tão cavado e ficou mais quadrado, sendo chamado de *sungão* (*trunks*, palavra em inglês também usada para shorts de banho bem curtos). Esse modelo quadrado e justo foi levado para o universo das cuecas, como um intermediário dos modelos *slip* e *boxer* que se tornou um curinga que costuma ir bem com qualquer tipo de corpo.

*A palavra “sunga” tem provável origem africana.



Fio dental, Tanga e Bikini

O corte chamado fio dental (*g-string*) vem dos biquinis femininos, protegendo a genitália, mas expondo as nádegas com um fino tecido correndo entre elas para estruturar. No Japão, existe o *fundoshi*, um fio dental feito de tecidos naturais, usado há séculos.

Fio dental.



É preciso diferenciar o fio dental da tanga ou do bikini. Os três modelos são considerados “lingerie masculina” de tanto que se aproximam dos modelos femininos: bikini é como um modelo *slip* muito cavado, ou seja, com cobertura na parte traseira; enquanto, tanto a tanga quanto o fio dental expõem a parte traseira e a diferença está na quantidade de tecido nas laterais.

80

Tanga.



Apesar da sensação de liberdade por terem menos tecido, esses modelos não costumam ser modelos práticos para o dia-a-dia. São pouco usados pelos homens e ficaram atrelados aos fetiches. Todavia, seu uso é comum por esportistas, fisiculturista e lutadores por proporcionar melhor adequação à anatomia, leveza e liberdade de movimento; e também por mulheres trans, travestis e drag queens que fazem o *tucking* (ou *aquendar*, forma de internalizar os testículos e colocar o pênis para baixo entre as pernas para reduzir o volume)

Bikini.



Coquilha e Suporte Atlético

A coquilha é um protetor genital (pênis e testículos) colocado dentro da cueca e utilizado principalmente por praticantes de esportes de contato e outras atividades físicas vigorosas. É normalmente feito de plástico rígido ou metal com um forro macio para o contato com o corpo e algumas versões possuem furos para ventilação.

Para se manter no lugar, utiliza-se um suporte atlético (*jockstrap*), um tipo de tanga sem cobertura traseira, com um bolso interno frontal para a coquilha e uma estrutura elástica que costuma levantar o pacote para cima. Como a parte traseira é inexistente, causa uma sensação bem forte de liberdade, porém, os elásticos na virilha podem causar desconforto.

Alguns suportes são projetados para esportes específicos: os atletas de hóquei, por exemplo, podem ter tiras elásticas ajustáveis e até grampos de liga que se prendem às meias, enquanto o volumoso protetor de goleiro tem estofamento de espuma abdominal e genital. Os dançarinos de balé clássico também passaram a usar um suporte bastante flexível e macio com tiras elásticas bem finas e uma coquilha para evitar o volume marcado nos figurinos extremamente justos.

As revistas de fisiculturismo e corpos atléticos do início do século 20 popularizaram os suportes atléticos como vestimenta gay. O bolso interno frontal onde se coloca a coquilha é hoje usado para posicionar a genitália masculina mais pra cima e mais pra frente. O termo “jock” acabou se tornando uma gíria tanto para atleta quanto para genitália. **8=D**



81

(d) Eficiência



por Filipe Chagas

Deficiência é o termo usado pela Organização Mundial de Saúde para definir a ausência ou a disfunção de uma estrutura psíquica, fisiológica ou anatômica de uma pessoa, seja ela físico-motora, visual, auditiva, intelectual, de aprendizagem, do espectro autista, entre outras.

Mas fica a dúvida: **quem define o que é eficiente?**

Então, antes de ler um texto sobre o assunto, achei melhor começar com vocês conhecendo pessoas que lidam com o mundo de outra maneira. Garanto uma experiência transformadora.

Robert



Aos 21 anos, minha vida mudou: quebrei o pescoço treinando mortal duplo pra trás em um trampolim! Fui de um maluco atlético para um maluco com deficiência! Uma coisa que permanece a mesma é a minha sensualidade!

Sempre me interessei em fotografar minha vida e as pessoas ao meu redor. Crescendo como uma pessoa saudável, consegui ganhar confiança e autoestima através dos meus próprios talentos. Mesmo depois do meu acidente, eu ainda tinha confiança e autoestima suficiente para aplicar no meu corpo com deficiência. Na verdade, foi um momento libertário: não ter que me inscrever em um determinado tipo de corpo, já que fisicamente não podia mudar meu corpo. Aprendi muito rapidamente a apreciar o que tenho e a amar meu corpo por dentro e por fora, não importa como ele seja ou como ele funcione. Isso me levou a mostrar aos outros que meu corpo sempre será bonito, sexy e desejável.





Quando se tratou de me fotografar novamente, parecia natural ser o modelo primeiro, antes que pudesse fotografar outros. Queria inspirar outras pessoas com deficiência a estarem completamente à vontade em seus corpos. Acho que o corpo com deficiência é tão bonito e interessante! A maneira

como o corpo envelhece com uma deficiência é tão incrível! Só precisei me adaptar: já que não tenho movimentos dos ombros pra baixo, aciono a câmera digital através de um joystick operado pela boca. Preciso de tempo e assistência de produção.



Claro que, por ser um grande homossexual, prefiro fotografar o que acho atraente. Não me oponho a fotografar mulheres. Na verdade, espero fotografar mais mulheres com deficiência à medida que continuo meu processo fotográfico.

Também acho extremamente importante mostrar que um homem com deficiência merece amor, intimidade e sexo! Existem pessoas com deficiência que não têm idéia de como seu corpo funciona sexualmente, porque os profissionais de saúde não cobrem a sexualidade como parte de sua prática. As pessoas com deficiência são deixadas a descobrir tudo por conta própria. A sociedade não nos vê como seres humanos sexuais, mas nós somos! Temos uma capacidade consciente de agradar a nós mesmos, e não devemos ter vergonha de fazê-lo.

Sou uma pessoa muito positiva para o sexo, que é usado em quase todos os aspectos da vida, especialmente na mídia: “sexo vende”. Uso isso para transmitir meu ponto de vista, para ajudar a falar dos problemas das pessoas com deficiência para a mídia tradicional. Meu trabalho está apenas arranhando a superfície, mas ele me dá uma voz que amplia a dos outros. Precisamos começar a mudar a conversa de “como você faz sexo?” para “quais práticas sexuais você curte?” Quero recuperar a autonomia dos corpos com deficiência.

Cheguei tão longe reaprendendo a respirar, engolir e viver sozinho... Digo para todos que sou “convencido, charmoso, devastadoramente bonito, homossexual, deficiente, artista, ativista”! Terminei meu Mestrado em Fotografia em Yale! Nunca em um milhão de anos pensei que estaria onde estou hoje, mas estou feliz por estar aqui e por ter minha família e amigos incríveis comigo todos os dias!

Todas as fotos, inclusive a da abertura da matéria, são do próprio artista.



Marcos

Muitas pessoas que conheço dizem que é um desafio e tanto viver em pleno século 21! Se pra uma pessoa vista como “normal” pela sociedade é difícil, imagina pra nós que temos uma deficiência!

Convivemos perante uma sociedade que tanto fala em inclusão, em oportunidades igualitárias, que constrói tantos avanços tecnológicos, mas esquece do mais importante: mudar o seu próprio pensamento, suas ações, suas manias de JULGAR aquilo a que não se tem nenhum conhecimento, colocando em prática o PRÉ-CONCEITO. A sociedade marginaliza a pessoa com deficiência de tal forma que, muitas das vezes, acabamos sendo preconceituosos com nós mesmos! Nos escondemos dentro de nossas casas pra não sermos julgados, por nos sentirmos feios e inferiores aos demais!

Particularmente falando, passei mais de 50% da minha vida no “anonimato”! Não gostava de ir a festas, pois lá poderia encontrar alguém que tivesse medo de chegar perto de mim, que me olhasse com olhos de pena ou viesse me tratar como se eu fosse um recém-nascido etc. Vivia numa “bolha de proteção”, onde fui privado de muita coisa pelo simples medo da minha família que eu viesse sofrer algum constrangimento, alguma forma de preconceito! Então, cresci uma pessoa sem saber como tomar decisões, com medo de me aproximar das pessoas, com vergonha de mim mesmo, uma pessoa que decidi não dar asas às suas paixões, aos seus desejos carnis, porque desde criança ouviu que não era como os outros homens sem nenhuma explicação!

Aos 16, 17 anos, decidi ir atrás das verdades escondidas, das coisas omitidas pra que eu não sofresse como todo ser humano sofre! E daí começou o meu maior desafio: me conhecer e me aceitar como eu realmente

sou! Ter a coragem de viver e dar a cara a tapa pra ser feliz no meio de uma sociedade hipócrita e preconceituosa!

Hoje, aos 37 anos, ainda não vivi tudo! Quer dizer, vivi ABSOLUTAMENTE NADA! Continuo me descobrindo, só que, ao contrário de antes, estou me permitindo sonhar mais, ir em busca dos meus objetivos sem se preocupar com as opiniões de A ou B, levando em consideração as minhas próprias opiniões! Estou ousando mais, estou abrindo as portas da minha vida pra que o mundo conheça melhor tudo aquilo que uma pessoa com deficiência é e pode fazer! Estou lutando contra preconceitos internos que, ainda me fazem olhar pra mim mesmo com olhos de vergonha, de diferença! Comparada a minha vida lá de trás, evolui bastante e ainda quero muito mais!

Ainda estou em fase de aceitação ao me olhar no espelho. Posso dizer que já avancei e muito, se comparado aos meus 20 anos, quando eu não me olhava no espelho nem por um decreto! Se passava por um e acidentalmente me via refletido ali, me achava um monstro, um corcunda de Notre Dame! Ainda tenho o mal hábito de me comparar com os outros homens, pois gostaria de ser forte, peitoral parrudo e peludo, barriga trincada, etc. Atualmente uso o espelho pra pentear rapidamente os cabelos. Arrisco tirar selfies sem camisa (ou até nu de vez em quando), mas ainda me sinto um pouco desconfortável com o que vejo!

Estou me esforçando o máximo pra que tudo isso seja superado o mais rápido possível! Quero chegar na frente de um espelho, e valorizar aquilo que eu ver, sentir orgulho e dizer: “Eita cara gostoso da porra”! Sei que o caminho ainda será longo, mas o mais importante eu tenho: força, foco e objetivos para realizar!



Acima: Autorretrato.

Na página anterior:
Projeto Corpos em Quarentena.
Foto: Chris, The Red, 2020.

Victor



A palavra “deficiente” trazia a ideia de que uma pessoa era limitada somente pela sua deficiência, ou seja, nem uma pessoa ela era. Já “necessidades especiais” também não cabia, uma vez que todo mundo tem ou pode vir a ter uma necessidade especial. Em 2013, então, decidiu-se por “pessoa com deficiência”, ou seja, a pessoa vem antes da deficiência, é um ser humano.

Particularmente, eu não gosto da palavra “deficiência”, pois isso indica ineficiência e precisamos discutir muito sobre o que é ser eficiente em uma sociedade como a nossa. Existem vários tipos de deficiências e cada uma carrega particularidades diversas, no meu caso, se eu estiver parado, as pessoas não percebem. Quando falo ou me movimento, é que se percebe. Tem dias que a distonia generalizada está mais visível mesmo e aí me torno um corpo de não desejo, mas de exploração ou de referência de superação. É um “mito do herói”, aquele que você coloca em um pedestal, mas nunca tem um envolvimento afetivo, somente inspiracional. E uma inspiração unilateral serve apenas para massagear o ego do outro! Temos que rever também essa ideia de superação: o que está sendo superado? Por que tem algo a se superar? Se a deficiência continua, tem algo realmente sendo superado?

Sou cineasta e vejo o cinema como instrumento de construir e reconstruir o imaginário de uma população. Tivemos até hoje no Brasil, apenas dois filmes com incentivo público dirigidos por pessoas com deficiência. Se compararmos isso às outras minorias que também reivindicam espaços, isso não é nada. As pessoas com deficiência ainda não são vistas como pessoas e não tem como essa “não-pessoa” buscar um espaço, ter uma voz.

Quando tentei estudar Artes Visuais, fui impedido de fazer o vestibular por causa das minhas questões com os movimentos das mãos e a obrigatoriedade da prova específica. Os lugares públicos excluem pessoas com deficiência a todo o momento.

Como ator, eu já ouvi “como vou te colocar em um filme meu?”. A série *Special* da Netflix é interessante por ter um personagem principal com deficiência, mas o coloca de forma caricata, num lugar de coitadinho para ser amado e querido por todos. As pessoas não querem lidar com corpos tortos na TV, porque isso faria também terem que lidar consigo mesmas, com seus corpos, com suas “eficiências”. E é isso que precisa acontecer. Precisamos questionar o que é um corpo, o que é o nosso corpo e o corpo do outro e o que isso implica em nossas relações.

Eu só percebi que meu corpo era diferente por causa do olhar do outro. Pra mim, eu nunca fui diferente. Quando criança era tranquilo, ligava o foda-se, mas, na adolescência, a gente busca aprovação do grupo. Assim, comecei a criar a ideia de que “nunca seria amado”, mas, em contrapartida, vivi minha vida sexual bem liberada. E isso é um tanto comum: a pessoa com deficiência acaba fazendo sexo por sexo, porque ela acha que não haverá amor.

Minha experiência de ter um corpo com deficiência no meio LGBT passa à problemática que o corpo no meio gay é muito sexualizado, a hipervalorização do corpo perfeito vindo de um machismo estrutural tóxico. Estou há 5 anos com uma pessoa sem deficiência e ainda ouço que sou um peso, um fardo, que ele é forte, o tal “herói mítico”. Não gosto de estabelecer linha de moral, pois acho que cada um deve fazer o que gosta, mas vejo as pessoas com deficiência se colocando em situações sexuais submissas por não terem segurança de serem quem são.

Por termos sido criados numa sociedade capacitista devemos ter cuidado para identificar os preconceitos velados em forma de carinho e super proteção. Ao decidir pelo caminho das Artes, por exemplo, ouvi da minha família que deveria procurar uma profissão certa, que deveria me sustentar e conseguir uma estabilidade emocional... Isso é errado. Devemos encontrar formas de autonomia para encontrar e desenvolver o nosso potencial sem cair no papel do “herói”, de sermos inspiração para nós mesmos e não para os outros. De forma dolorosa e prazerosa, quem cria minha natureza sou eu.



Still do vídeo *Acelerações demarcadas por um mundo visto através de ti.*

Beto

Perdi minha perna com 2 anos, então, minha vida toda foi como pessoa com deficiência. Sempre precisei me adaptar ao mundo, mas foi com outras PCD que aprendi que eu era capaz de muito mais. No futebol para amputados, por exemplo, encontrei referências e aprendi vários truques no uso da muleta. Quando vi a Leandrinha du Art, finalmente senti que tinha alguém realmente questionando os rótulos e suas possibilidades e que me representava não só por ser PCD mas por também fazer parte da comunidade LGBTQIA+.

Na adolescência, eu achava que tinha que ser hétero. Mesmo sendo dispensado na Educação Física, eu praticava esportes, mas não tomava banho no vestiário aberto. Era muito constrangedor por causa do meu desejo, o medo da ereção... não da minha perna. Me forcei a ficar com algumas poucas meninas, de forma romântica, apaixonada, sem tanto tesão, e cheguei a me considerar bissexual até entender quem eu era e começar a me aceitar de verdade.

Em aplicativos de relacionamento, sempre fui verdadeiro e deixei claro que não tenho uma perna para evitar surpresas e situações desagradáveis. Se não era rejeitado e bloqueado, eu recebia mensagens tipo “sei lá, nunca fiquei com alguém



assim”... sem muita paciência eu retrucava: “nós vamos beijar ou apostar corrida?”. Já cheguei a ouvir uma pessoa falando sobre mim: “você deve estar muito desesperado pra ficar com ele”. Claro que escuchei quem disse isso, mas me senti muito mal... virei o desespero alheio! Tudo por causa da forma como a pessoa com deficiência é vista na sociedade.

Hoje tenho a sorte de ter conhecido um homem que não me vê como diferente por ser PCD. Ele entende minhas limitações e minhas formas diferentes de fazer várias coisas, mas isso nunca nos afetou. Quando não sabe como vou lidar com algo, ele simplesmente pergunta “como fazemos?”, sem olhar de pena ou de me colocar em um pedestal. Antes de namorar eu cheguei a alertá-lo que alguém poderia fazer comentários voltados pra ele e não para mim quanto a nosso namoro.

A jornalista e comedianta Stella Young tem uma palestra onde diz “Eu não sou sua inspiração”,

deixando claro que tanto ela quanto todo mundo fazem o melhor com o corpo que temos. Porém, o mundo capacitista tenta enquadrar a pessoa com deficiência numa única forma, quando, na verdade, existem inúmeras possibilidades.

Recentemente, fiquei bem incomodado quando recebi uma imagem de um programador sem os braços, digitando com os pés, e os comentários eram “o herói da superação”, “se ele consegue, eu também consigo”... mas ninguém parou pra pensar que o rapaz estudou a mesma coisa que todo mundo e se adaptou à situação de uma forma diferente!

Esse lance da superação coloca uma pressão muito grande, como se toda pessoa com deficiência tivesse que ser sempre uma boa pessoa, um exemplo para a humanidade! Só que, na verdade, isso só mostra a baixa expectativa quanto às pessoas com deficiência, como se sair de casa e ir para a escola/faculdade/trabalho fosse um milagre na terra! As pessoas precisam entender que pessoas com deficiência podem dirigir, trabalhar, comer sozinhas. Fiz autoescola adaptada, com carros preparados para pessoas com deficiência, que era aberta a todos e isso criou um ambiente interessante: quem não era pessoa com deficiência era o diferente!

Num estacionamento, se eu saio do carro pelo lado do motorista, as pessoas me olham torto. Espera-se que uma pessoa com deficiência saia do banco do carona e em uma cadeira de rodas! Já briguei muito, mas hoje não vejo como maldade quando em filas preferenciais, as pessoas reclamam por não verem minha perna mecânica. Mostro-a educadamente numa tentativa de ensinar e fazer com que



elas reflitam que nem toda deficiência é visível e percebida facilmente.

Espera-se também que as pessoas com deficiência sejam hétero cis. É complicado aceitar que a gente possa ter uma sexualidade diferente do padrão. Achar que se existe uma deficiência, a sexualidade é nula, que não podemos ter e dar prazer, namorar, constituir família, ser pais ou mães. Ou seja, são várias exclusões.

Em muitos casos, corpos com deficiência preferem se esconder para evitar um julgamento. No entanto, quando saiu o anúncio das Paralimpíadas do Rio com duas celebridades simulando pessoas com deficiência, eu realmente fiquei irritado com o grau de invisibilidade intencional. Precisamos aparecer e as pessoas estarem abertas a não nos julgar incapazes ou anjos na terra.

Ensaio de Beto Maia e Jimmy Andrade para o projeto *Other Colours* do fotógrafo Janssem Cardoso.

Kollinn

Me perdi durante 22 anos e finalmente me encontrei.

Me encontrei no meio de um corpo no qual não me identificava com o gênero. Evitei espelhos, fotos e olhares, me sentindo indesejável por não saber quem eu sou ou não saber quem eu queria ser, por também ser uma pessoa com deficiência, por não saber quem eu era. Enfrentei a sociedade, familiares e amigos. Continuo enfrentando, mas demorei para me achar e agora, mais do que nunca, não vou me perder, nem por ninguém e nem por nada!

Sou muito mais que uma deficiência. Quero muito mais que rampas e barras: quero quebras de estereótipos, visibilidade e respeito. Quero fazer meus rolês sem precisar educar as pessoas dizendo que sou mais que uma deficiência. Deus não vai me curar. Não sou guerreiro por estar apenas vivendo. Não sou exemplo de vida por estar em lugares ou ter rotinas e muito menos quero teus parabéns, porque não é meu aniversário.

Recentemente fui à praia enfrentar dois desafios: o de usar sunga em público e o de ter que permanecer sentado na areia próximo ao mar para aproveitar, já que não consigo ficar em pé por muito tempo. Ficar sentado na areia traz uma infantilização aos olhos alheios, reforçando ainda mais o estereótipo que nós, pessoas com deficiência,



necessitamos de supervisão constante. No entanto, mesmo com a sunga cheia de areia, mandei a sociedade pro inferno e tomei minha vitamina D na água salgada do mar.

Eu não odeio o meu corpo ou minha genitália. Muito menos nasci no corpo errado. Simplesmente não sabia como me colocar na sociedade.

Ao me assumir homem trans, eu trazia as narrativas alheias como um espelho, queria ter barriga tanquinho e braço bombado. Com o passar do tempo percebi que isso estava me fazendo mal e decidi fazer a minha própria narrativa: o homem com seios, cadeirante, trans, bipolar, possivelmente intersexo, que não tem barriga tanquinho e que não faz hormonioterapia por ora.

Cabelo tem bastante significado na minha transição. Foi por meio dele que consegui coragem para me aceitar. Após o término de um relacionamento, decidi cortar aquele cabelo que fazia chorar por estar preso numa necessidade de química e alisamento por padronização social. Foi revolucionário mesmo: 4 meses depois me assumi trans e cortei ainda mais curto.

Assim, consegui paz com o meu corpo, comigo. Consegui ser um homem para mim e não um homem para me encaixar no padrão da sociedade. A sociedade que lute para lidar com um homem trans cadeirante no seu convívio. A sociedade que lute para ver a minha felicidade.

Costumo falar em palestras um pouco da minha vivência e o quão difícil é quebrar esses paradigmas sociais em que somos colocados por ser pessoa com deficiência. É preciso que todos enxerguem que somos capazes de ter vida social, amorosa e sexual, independente da limitação.

Teve um carnaval que meus amigos demoraram mais de 1h30 para achar uma praia onde tivesse cadeiras acessíveis para que eu pudesse aproveitar a água, mesmo que por alguns minutos. Foi um rolê curto e divertido. Mas precisa ficar claro que eles não são super-heróis e não fizeram um favor pra mim. Eles simplesmente mostraram que queriam que todos ficassem igualmente confortáveis.

Agradeço aos familiares - obrigado mãe, por ter se reconstruído por mim - e amigos que me apoiaram durante a transição e me ajudaram a ter estabilidade emocional. Sei que sou um privilegiado por ter pessoas legais a minha volta. Sou grato por finalmente ser feliz por quem eu realmente sou.

Liberdade

O vento que não entrou
O sol que saiu e não voltou
A água que não escorria

O sorriso preso
A lágrima longa
A conversa tímida

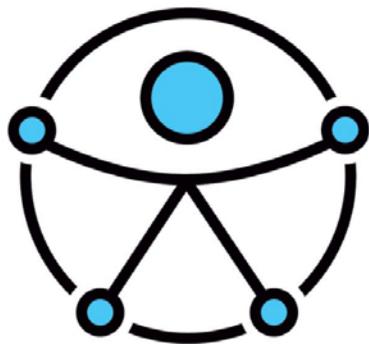
Tirando da alma
Das veias escondidas
Tirando dos olhos
Dos ouvidos

Libertei de mim
Do que havia de mais escuro
Daqueles que me torturavam
Que dava insônia e sono à mais

Me libertei e voltou
O vento fresco na alma
A luz do sol
A água escorre
O sorriso longo
Lágrima curta
Conversa aleatória

Tirei da minha alma
Das veias escondidas
Tirei dos olhos
Dos ouvidos
Meus demônios.

Após esses discursos potentes, vale lembrar que a expressão correta a ser usada é **pessoa com deficiência (PCD)**. O termo “deficiente” é inadequado, pois carrega uma carga negativa e depreciativa, reduzindo a pessoa a sua deficiência. Tanto o termo “necessidades especiais” quanto “diversidade funcional” foram propostos para englobar não só PCD, mas também aqueles que estão momentaneamente dependentes, como, por exemplo, crianças e idosos. Portanto, isso tende à exclusão da diferença.



Em 1992, a Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceu o dia 3 de dezembro como o Dia Internacional das Pessoas com Deficiência. Em 2015, anunciou um novo símbolo para a acessibilidade (ao lado), mais neutro e imparcial, não somente focado na deficiência físico-motora que necessita da cadeira de rodas. Porém, existem outros símbolos que tentam facilitar a sinalização e o entendimento das diferentes categorias.



Na ordem, primeira linha: Símbolo Internacional de Acessibilidade; Símbolo Internacional para Pessoas com Deficiência Visual; Símbolo para Pessoas com Baixa Visão; Símbolo para Braille; Símbolo para Autorização de Cão Guia. Na segunda linha: Símbolo para Pessoas com Nanismo; Símbolo Internacional para Pessoas com Deficiência Auditiva; Símbolo para Intérprete de Libras; Símbolo para Pessoas com Deficiência Intelectual; e Símbolo Mundial da Conscientização sobre o Transtorno do Espectro Autista – TEA.

A partir de uma concepção de “corpo padrão”, nossa sociedade vê a deficiência como inferior, anormal, algo que precisa ser corrigido: lembre-se que os termos “incapaz” e “inválido” – que já foram utilizados para se referirem a PCD, especialmente, físico-motora –, vem de “não ter capacidade”, “não ter valor”. Em uma recente entrevista online, a escritora, blogueira e ativista PCD Leandrinha du Art precisou ressignificar o termo “monstro” que ouviu por toda a vida:

A palavra “monstro” me incomodou até eu entender que uma das etimologias da palavra é “aquele que mostra algo”, “aquele que passa uma mensagem”. Enxerguei a importância, o poder de ser o tal monstro. Então, eu assumo essa dita monstruosidade e faço do meu corpo vitrine para que outros se identifiquem.

Isso mostra o **capacitismo** estrutural, ou seja, a discriminação contra pessoas com qualquer tipo de deficiência que está enraizada na sociedade, incluindo a opressão ativa e deliberada (insultos, considerações negativas, piadas, inacessibilidade urbana e prática, etc.) e a opressão passiva (tratamento de pena, dirigir-se ao acompanhante e não à pessoa em si, mito da superação etc.). A jornalista australiana Stella Young, em um TEDx, disse que existe uma “pornografia inspiracional” institucionalizada, ou seja, a objetificação das PCDs para benefício das pessoas sem deficiência, uma forma dos dito “normais” serem motivados.

Essas opressões – aliada à negligência de estudos – também delimitam a vida sexual de PCDs à inexistência (assexualidade) ou ao tabu (invisibilidade). A história conta que chegou-se a aplicar técnicas de esterilização forçada e que, somente nas décadas de 1980 e 1990, os

estudos sobre o HIV e a AIDS levaram à inclusão das deficiências nas pesquisas sobre sexualidade. Um recente estudo nos EUA apontou que 50% das PCDs não tem qualquer relação sexual.

Assim, estereótipos são criados e comprometem não só a imagem corporal das PCDs, mas também as construções emocionais, a sexualidade e a intimidade. Acredita-se amplamente que uma PCD será sempre dependente e, em casos de deficiência congênita, ela é tratada como uma “criança eterna”, o que causa inúmeras limitações sociais. É preciso lembrar que o medo da rejeição e os problemas de autoestima ou confiança não são exclusivos das PCDs: **todo mundo tem o desejo de amar e ser amado, de sentir e dar prazer.**

Ainda hoje a sexualidade é concentrada nos genitais, porém, **todo o corpo pode e deve ser experimentado**. Dessa forma, costumam ser indicados brinquedos sexuais, auxiliares físicos (como modificações na cama ou mobiliário específico) ou os serviços prestados por uma profissional do sexo qualificada*. A ideia é encontrar alternativas de prazer para além da penetração, seja em outras zonas erógenas ou posições sexuais mais adequadas: aliás, **fica a dica para todo mundo!**

* Em 2013, foi relatado que os cidadãos com deficiência na Holanda eram elegíveis para um esquema financiado pelo governo para cobrir até doze ocasiões de serviço sexual por ano.



Em 2018, o brasileiro Ricardo Alonso Jorge criou o Devotee, um aplicativo de relacionamentos para PCDs que inclui pessoas sem deficiência que se sentem interessados.

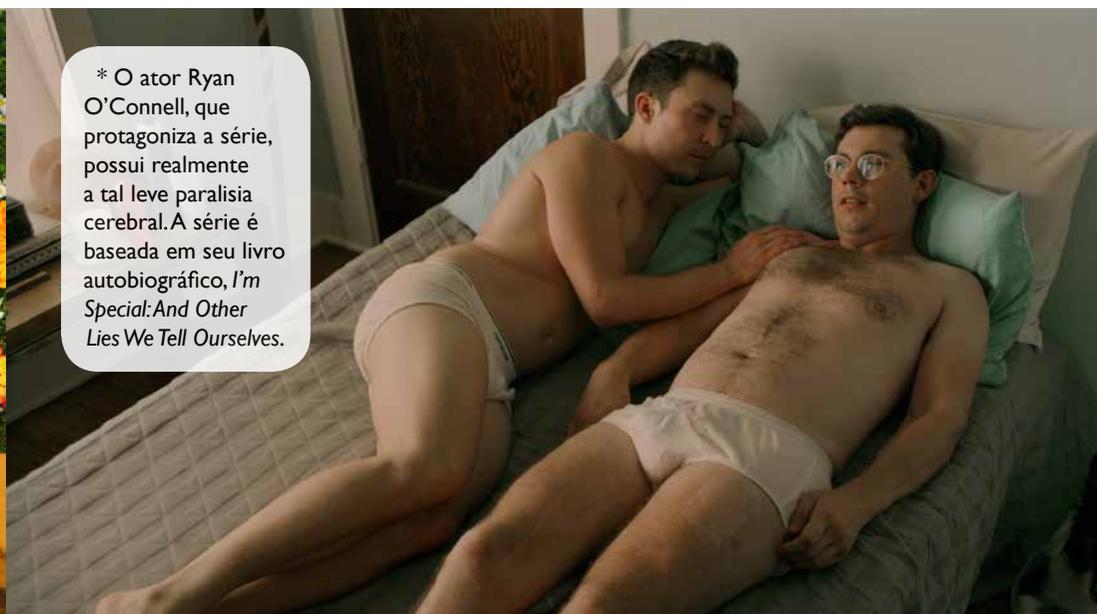
O BDSM – acrônimo para *Bondage e Disciplina* (B e D), *Dominação e Submissão* (D e S), *Sadismo e Masoquismo* (S e M) – é descrito como empoderador para PCDs devido à sua aceitação de corpos não normativos e aos diferentes graus de resistência à dor. Já a internet tem sido usada como válvula de escape, principalmente para aqueles que possuem deficiências que interferem em suas percepções da autoimagem e causam intenso medo de rejeição visual. No entanto, o ambiente virtual ainda não é totalmente acessível.

Relações platônicas acabam sendo muito comuns, pois evitam o contato e o julgamento pela aparência ou pela performance. Porém, aqueles que se relacionam sexualmente com PCDs acabam sofrendo as mesmas opressões: são vistos como abusadores ou caridosos, são ditos com baixa autoestima por não se permitirem ficar com “alguém normal”. Em 1990, inclusive, considerou-se como um comportamento sexual desviante (*abasiofilia*, atração sexual por PCD, e *devotismo**, atração pela imagem da PCD), ampliando assim a marginalização desse tipo de relação.

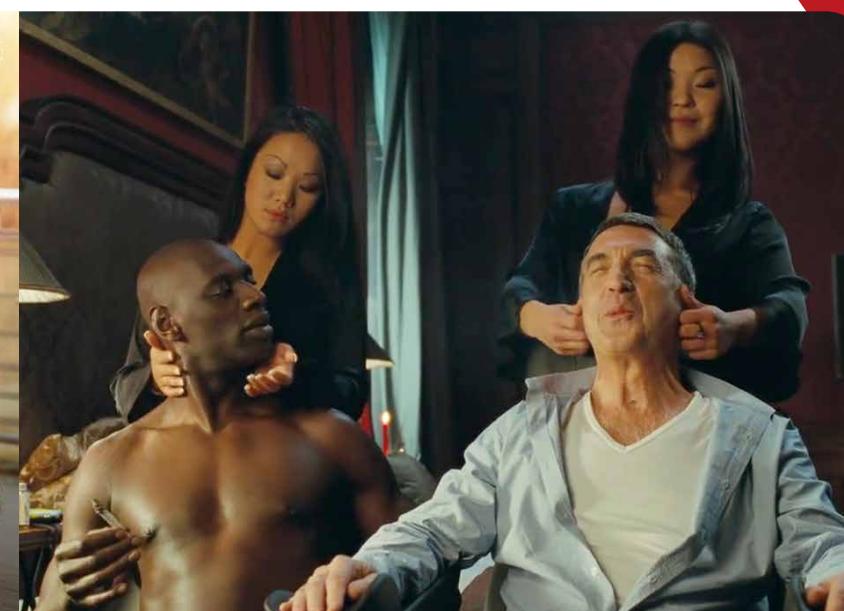
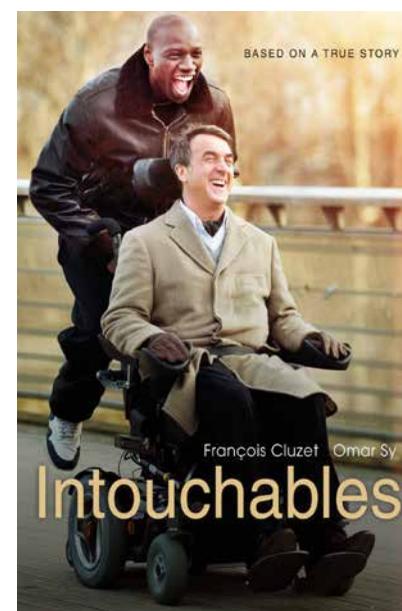
Em alguns casos de deficiência intelectual, a condição sexual precisa ser acompanhada para que haja o entendimento e o aprendizado – tanto social quanto individual – necessários. A série *Special* (Netflix, 2019) conta as aventuras de um jovem gay com uma leve paralisia cerebral* que decide esconder sua deficiência dizendo que foi atropelado para reescrever sua identidade e viver a vida social, amorosa e sexual que desejava. Porém, Miriam Kaufman – autora do *The Ultimate Guide to Sex and Disability* – afirma que esconder uma deficiência ou minimizar sua existência é uma sobrecarga desnecessária.

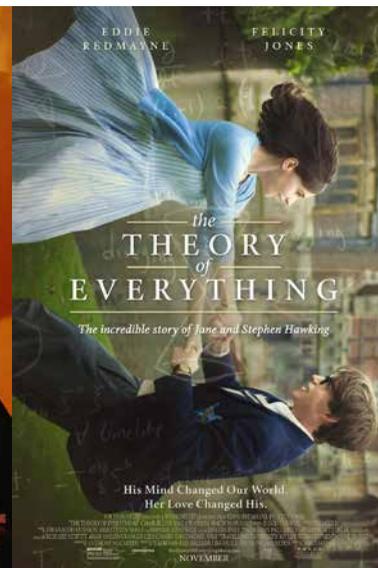
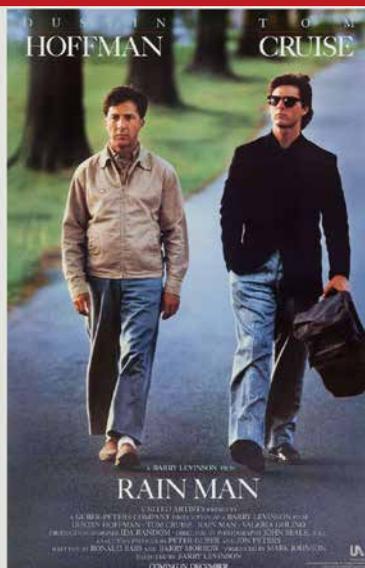


* O ator Ryan O'Connell, que protagoniza a série, possui realmente a tal leve paralisia cerebral. A série é baseada em seu livro autobiográfico, *I'm Special: And Other Lies We Tell Ourselves*.



Em 2012, dois filmes abordaram de alguma forma a condição sexual de PCDs. No filme “Intocáveis” (*Intouchables*), o protagonista é um aristocrata rico que fica tetraplégico após um grave acidente, mas isso não o impede de curtir massagens na orelha para seu deleite. Já o filme “As sessões” (*The sessions*) vai direto ao ponto: conta a história de um escritor e poeta tetraplégico que se sente incompleto por nunca ter experimentado o sexo e é aconselhado a frequentar uma terapeuta sexual.





A série musical de TV *Glee* (2009-2015) recebeu várias críticas por se dizer inclusiva e fazer cripface (o ator Kevin McHale interpretava um cadeirante). Então, em 2013 teve a atriz realmente cadeirante Ali Stroker em alguns episódios. Em 2019, Ali quebrou paradigmas: foi a primeira atriz cadeirante a atuar na Broadway, a primeira a ser indicada ao *Tony Awards* (maior prêmio do teatro americano) e a ganhá-lo, comprovando que PCDs só precisam de oportunidades para mostrar suas capacidades.

É preciso que fique bem claro que são inúmeras variáveis para cada tipo de deficiência e que, somadas às condições emocionais e sociais dos indivíduos, torna-se impossível generalizar ou pensar em soluções únicas. Esse artigo não pretende esgotar o assunto, mas reduzir os ruídos que silenciam e prejudicam o entendimento que pessoas com deficiência possuem potencialidades únicas e merecem espaço. **8=D**



Contudo, temos aqui uma questão: **cripface** é o termo (pouco conhecido ou usado no Brasil) que designa uma pessoa sem deficiência representando uma pessoa com deficiência em alguma obra audiovisual. Podemos citar vários que foram até premiados: Dustin Hoffman em *Rain Man* (1988); Al Pacino em “Perfume de Mulher” (*Scent of a woman*, 1992); Sean Penn em “Uma lição de amor” (*I am Sam*, 2001); e Eddie Redmayne em “A teoria de tudo” (*The theory of everything*, 2014). Em uma palestra sobre bullying, o ator R. J. Mitte – que possui uma leve paralisia cerebral e atuou na série *Breaking Bad* – disse:

*Esta indústria é muito negativa e dura com pessoas com deficiência por causa da ideia de perfeição que tecnicamente **não existe**.*





Espinhos no Bosque Sagrado

de Eliude Alves Santos (2019)

Jnterpretações. É disso que vivem as religiões hoje: de interpretações de textos escritos há séculos sobre a vida de pessoas que já não existiam mais e não deram aval sobre o que estava sendo redigido. Textos estes que foram revisados ao longo do tempo para se “adequar” ao poder vigente. Um telefone sem fio cheio de intenções!

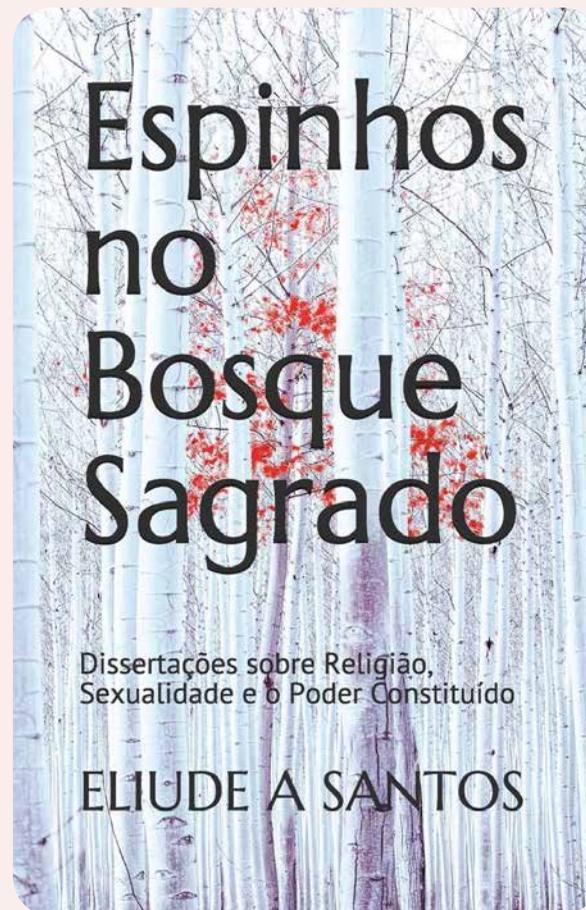
Cada religião / interpretação vem se colocando como oposição à outra, o que, além de ter causado inúmeras guerras descabidas e mortes de inocentes ao longo da história da humanidade, mantém a fé cega e as mentes fechadas.

Aí você deve estar se perguntando “ok, mas o que isso tem a ver com a Falo?”

Bom, ao longo dessas treze edições você já deve ter visto o quanto a religião interferiu na produção artística e na representação do corpo masculino (leia o texto sobre a “castração católica” na sexta edição só pra você ter uma ideia). Portanto, é difícil separar esses dois assuntos. Então, achei seminal trazer esse livro pra vocês. Porém, preparem-se: **Espinhos no Bosque Sagrado é uma porrada!**

O autor costuma traduzir textos clássicos originais, ou seja, direto da fonte. Mostra as variações de termos e como foi a evolução (manipulada) das traduções a partir do idioma de origem do texto. É aí que o queixo cai. É aí que esse livro vira um divisor de águas... SE você tiver a mente aberta para questionar sua fé e os dogmas seculares.

No capítulo “Expectativa e Culpa”, Eliude fala dos fatores que levaram à expulsão de Adão e Eva do Paraíso, apresentando o fruto e a serpente como um paradoxo criado por Deus: torna-se inevitável. A leitura nos leva a pensar se somos cegos e obedientes como Adão ou ponderados



Capa do livro à venda na Amazon.

como a tão injustiçada Eva. Descobrimos a carga sexual que esse mito carrega e o quão vil foram aqueles que envergonharam a nudez quando nem Deus tinha problema com isso. O autor deixa bem claro que não é a vestimenta que tem valor moral, mas sim o contexto, a interpretação e o que escolhemos fazer diante dela.

Note que o conceito da roupa para cobrir a nudez não teve origem divina. Os Deuses já visitavam Adão e Eva no jardim, e não se incomodavam com sua nudez. Na verdade, Yahweh se incomodou, justamente por vê-os vestidos. Por isso, procurando um culpado para aquele comportamento inusitado, perguntou, “Quem disse que você estava nu?” (Gênesis 3:11)

Adão, possivelmente excitado, por causa do sangue novo correndo em suas veias, cobriu sua nudez envergonhado, cheio de culpa diante da transgressão que cometera. Seu ímpeto moralista era um último grito de presunção, que ganhou ares de hipocrisia quando apontou para Eva, dizendo que

a culpa era toda dela. Desde então, poucas foram as sociedades que aprenderam a olhar para a nudez sem a visão distorcida da falsa moralidade.

Eliude também derruba o mito de que Sodoma e Gomorra teriam sido destruídas por causa de homossexualidade somente com a apresentação de versículos, sem precisar de grandes traduções ou interpretações. No capítulo “Ganância e Desigualdade”, ficamos definitivamente chocados (se já não estivermos até chegar nele) com o tanto de manipulação histórica que altera nossas percepções atuais. Vejam: os termos “sodomia” e “sodomita” são utilizados até hoje para definir a orientação sexual quando, na verdade, o significado é outro! Tipo... você entenderá que **o Brasil é a Sodoma contemporânea** e longe de ser por causa da quantidade de gays.

Não vou me alongar para não dar mais spoiler de um livro que precisa ser lido pra ontem. Permitam-se questionar a origem da fé de vocês. **8=D**



Sodoma e Gomorra em chamas, óleo sobre tela de Jacob de Wet II (1680).



SHOP ONLINE www.falo-magazine.redbubble.com





Sempre fui um cara muito machista em relação a algumas coisas. Aprendi com meu pai a noção do que é ser homem, mas sinto atualmente que isso precisa de algum modo ser modificado, porém tenho muita dificuldade. Alguma dica?

A.C. Belo Horizonte/MG.

Bem, no mundo de hoje não há lugar para o machismo. Faz-se imprescindível pensar as masculinidades a partir de uma ótica que produza uma quebra com o referencial de homem existente em sociedade: um homem cansado e angustiado, marcado por uma herança patriarcal que já não mais se sustenta nesse território de exploração, arbitrariedades e violência do qual ele mesmo é uma das principais vítimas. Ao mesmo tempo em que uma masculinidade firmada cria privilégios para os homens que se apropriam de uma representação legitimada por uma ideologia distorcida, mas assumida como verdadeira, ela aprisiona e escraviza os mesmos em decorrência de um suposto benefício do patriarcado. A violência é ensinada como recurso para estancar ou externalizar a pressão, cobranças e conflitos, em detrimento ao diálogo e do contato com o sentimento, que muitas vezes é negligenciado.

A reconceituação das masculinidades deveria se iniciar entre as crianças, interrompendo o fluxo de ódio, desinformação e hostilidade através da coerção, que seria a implementação e concretização de leis que visam punir os crimes de ódio como racismo, homofobia e violência contra a mulher e do consenso, no qual atua a educação. Posicionamentos que propiciem a ideia de igualdade.

Como você já é um homem adulto com um tipo de masculinidade que seu pai enxergou como a correta para seu desenvolvimento, o caminho é mudar esse paradigma se informando, buscando auxílio em uma terapia ou se unindo a grupos de homens que discutem e problematizam às masculinidades. Os diálogos e falas contemplados em debates e encontros sociais são emergentes e providenciais, tornando-se fundamental para a promoção das transformações sociais acerca do que é ser homem.



Não me sinto confortável algumas vezes pelo excesso de sexo sem compromisso, mas ao mesmo tempo sinto que isso não deveria ser algo que incomoda. Não sei o que pensar sobre.

R.E. São Luís/MA

A liberdade sexual vem trazendo esse paradigma cada vez mais forte. A você eu apresento o conceito de Sociossexualidade, que se refere ao entendimento dos comportamentos sexuais desprovidos ou não de compromisso social e conexão emocional, reivindicando o processo de autonomia sexual como ingrediente necessário para dissipar crenças particulares aprendidas desde a infância acerca do que é sexualidade e como ela deveria ser vivida. Esse conceito identifica a partir dos valores pessoais qual a atividade sexual que pode trazer mais satisfação para o próprio indivíduo sem englobar culpa, arrependimento, frustração ou quaisquer outros sentimentos negativos acerca da vivência sexual.

Enquanto a sexualidade for tratada como um tabu pouco avançaremos na prática a respeito dessas novas categorias, mas o debate acerca do tema é cada vez mais presente já que tem havido uma quebra nas noções de encontros e relacionamento – principalmente desde a chegada da internet. Seria interessante desenvolver um modo autônomo de se relacionar casualmente sem que isso implique seguir modelos que de certa forma estão no pano de fundo moldando atitudes e expectativas, como no caso de homens seguirem a narrativa de serem garanhões, desprezados, pegadores e mulheres estarem no oposto disso. A autonomia desconstrói essa ideia ao confrontar justamente as interações que continuamos a construir como sociedade, que permanecem tão ou mais complexas quanto as de gerações e séculos anteriores. O sexo pode tornar-se um assunto um tanto mais palatável, acessível e menos rodeado por mitos e mistérios, ainda que jamais será descomplicado.

A educação sexual possibilitaria a você ou qualquer outra pessoa com esse tipo de dúvida, o desenvolvimento de mais autoconfiança, seja para reivindicar o próprio prazer, aceitar seus desejos ou para posicionar-se em relação aos seus comportamentos e necessidades sexuais. É preciso desconstruir para reconstruir. Só assim os sentimentos de inadequação podem se dissipar.

benfeitoria

SEJA MAIS. SEJA UM COLABORADOR!

moNumento

A **Falo Magazine** tem por princípio máximo o **conhecimento** livre. Sempre foi pensada de forma **gratuita e online**, onde o alcance poderia ser máximo e atemporal.

O trabalho é árduo. **Uma única pessoa** é o editor, o repórter, o pesquisador, o redator, o tradutor, o revisor, o designer, o assessor de marketing, o gerente de redes sociais, o faxineiro etc etc... sem qualquer ganho financeiro. A vantagem é que o **ganho cultural, social e pessoal são imensuráveis**. Porém, é preciso que a revista seja autossustentável e possa investir em si mesma.

Você já é nosso colaborador somente pelo fato de acessar a revista, as redes sociais e ter chegado até aqui. Caso queira colaborar para deixar um material de qualidade como legado cultural e social e ainda sentir que são parte da revista, escolha uma das **assinaturas mensais!**

www.benfeitoria.com/falomagazine

www

AMIGO DA FALO

R\$10,00/mês

Nome registrado na revista

PARCEIRO DA FALO

R\$15,00/mês

Além do nome na revista, receberá por e-mail um spoiler da próxima edição.

VIP DA FALO

R\$20,00/mês

Além do nome na revista, receberá a próxima edição por e-mail antes do lançamento público.

PATRONO DA FALO

R\$50,00/mês

Além do nome na revista e de recebê-la antes do lançamento público, conhecerá o conteúdo da edição antes de todos.



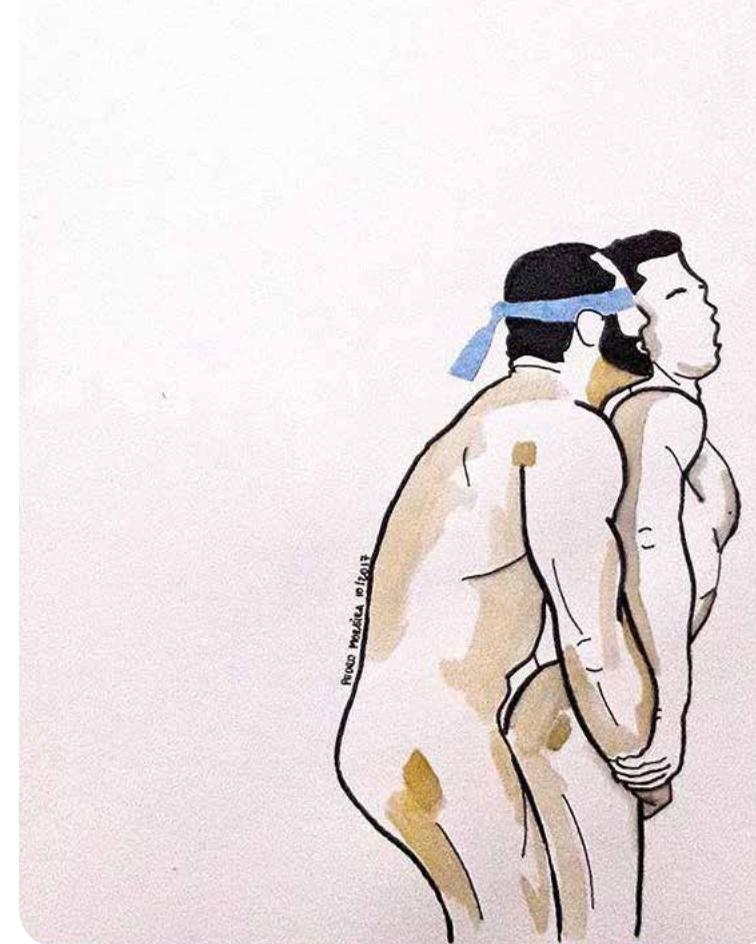
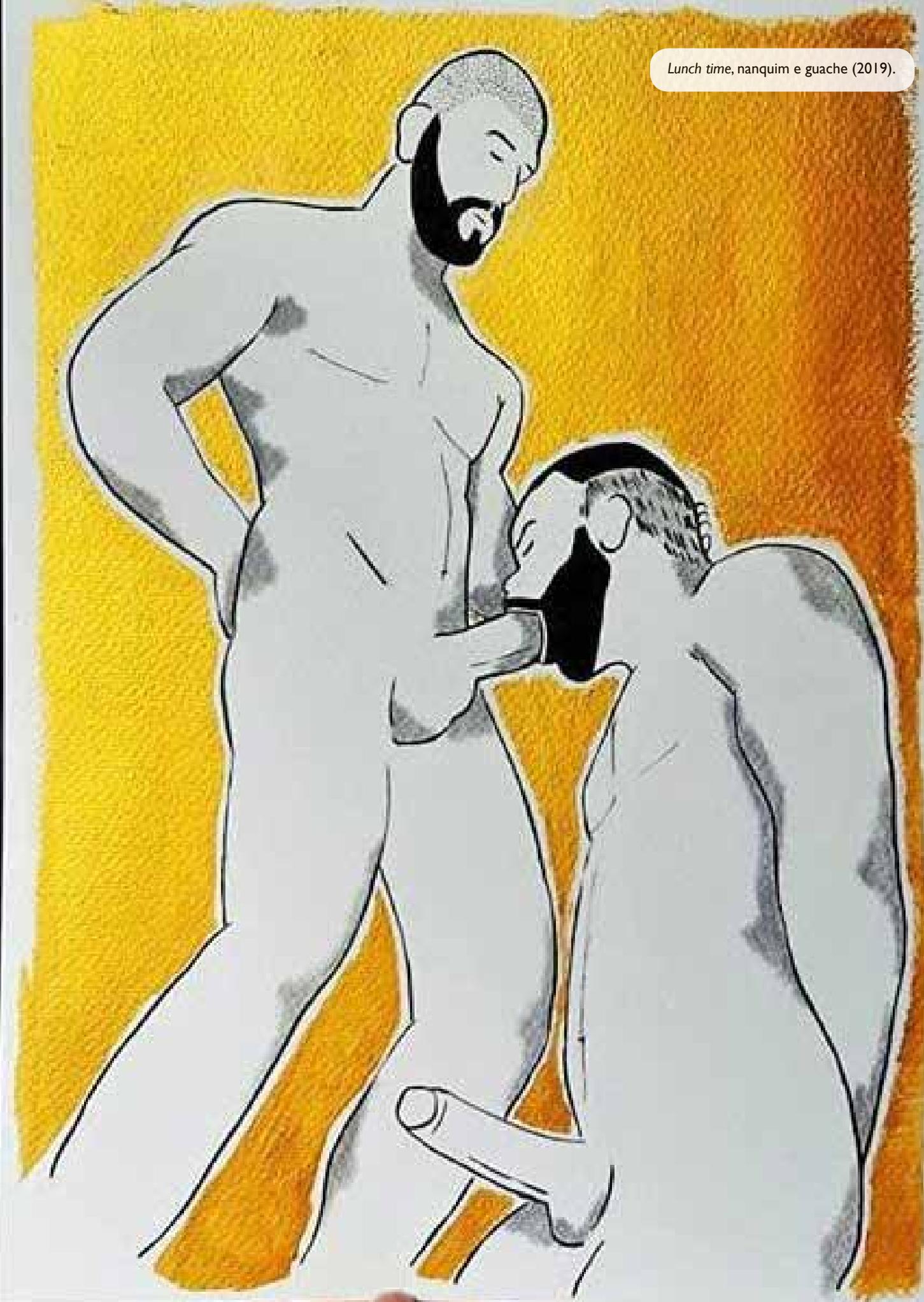
Obrigado a vocês que acreditam na revista e no poder transformador da Arte!

Alcemar Maia, Daniel Caye, DUOCU, Júlio Lima, Marcelo Augusto e Orlando Amorim.

Modelo: Taynan Mazzoni. Foto: autorretrato.



Lunch time, nanquim e guache (2019).



Golden blinded, nanquim, aquarela e guache (2017).
Abaixo, a tatuagem da obra feita por um fã.



Seja através de uma foto ou de um print de vídeo, Pedro se inspira não só pela figura masculina como um todo e suas partes, mas pelo o entorno que a cerca e gera diálogos sobre si. Uma ereção, por exemplo, é carregada de um simbolismo que interessa seus estudos artísticos. Gosta também de conversar com os modelos de suas obras, pois o que passa na cabeça de cada um se torna seu local de aprendizado e criação.

Sua primeira produção artística no universo homoerótico foi “natural e dolorosa”. Mesmo que algumas pessoas tenham se afastado, o apoio recebido levou-o a dar continuidade a seu trabalho. Então, busca se desafiar e se adaptar à novas mídias para dar sua contribuição ao desenvolvimento do corpo masculino na Arte.





FALD

ISSN 2675-018X
falonart@gmail.com

